



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Comunicação Social

Henrique Juliano de Macedo Soares Guimarães

**OTAN – BRICS – OTAN: A GEOPOLÍTICA PÓS-GUERRA FRIA A PARTIR DAS SEDES
DE OLIMPÍADAS E DE COPAS DO MUNDO**

Rio de Janeiro

2024

Henrique Juliano de Macedo Soares Guimarães

**OTAN – BRICS – OTAN: A GEOPOLÍTICA PÓS-GUERRA FRIA A PARTIR DAS SEDES
DE OLIMPÍADAS E DE COPAS DO MUNDO**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de especialista em Jornalismo Esportivo pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Pós-Graduação Lato Sensu).

Orientador: Prof. Dr. Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

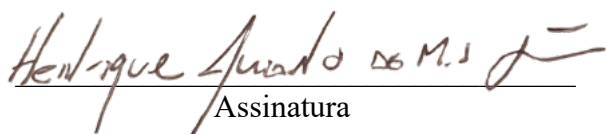
GUIMARÃES, Henrique Juliano de Macedo Soares.
OTAN – BRICS – OTAN: A geopolítica pós-Guerra Fria a partir das sedes de Olimpíadas e de Copas do Mundo./Henrique Juliano de Macedo Soares Guimarães – 2024.

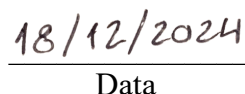
48 f.

Orientador: Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro.
Monografia (Especialização em Jornalismo Esportivo) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social.

1. Geopolítica. 2. OTAN. 3. BRICS. 4. Olimpíadas. 5. Copa do Mundo de Futebol.
I. Guimarães, Henrique Juliano de Macedo Soares. II. Mostaro, Filipe Fernandes Ribeiro.
III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social. IV.
OTAN – BRICS – OTAN: A geopolítica pós-Guerra Fria a partir das sedes de Olimpíadas e de Copas do Mundo.

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.


Assinatura


Data

Henrique Juliano de Macedo Soares Guimarães

**OTAN – BRICS – OTAN: A GEOPOLÍTICA PÓS-GUERRA FRIA A PARTIR DAS SEDES
DE OLIMPIADAS E DE COPAS DO MUNDO**

Monografia apresentada como requisito parcial para a
obtenção do título de especialista em Jornalismo
Esportivo pela Universidade do Estado do Rio de
Janeiro (Pós-Graduação Lato Sensu).

Aprovado em 18 de dezembro de 2024.

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro (Orientador)
Faculdade de Comunicação Social – UERJ


Prof.^a Martha Maria Ferreira Esteves
Faculdade de Comunicação Social – UERJ (Convidada)

Prof. Dr. Fabio Mario Iorio
Faculdade de Comunicação Social – UERJ

Rio de Janeiro
2024

A Copa em si provavelmente não tem nenhum fundo político em particular, mas assim como as Olimpíadas, é quase certo que esteja vulnerável a pressões e promessas diplomáticas ou de outra natureza dos países mais poderosos.

Eric Hobsbawn

GUIMARÃES, Henrique Juliano de Macedo Soares. **OTAN – BRICS – OTAN: A geopolítica pós-Guerra Fria a partir das sedes de Olimpíadas e de Copas do Mundo.** Orientador: Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro. Rio de Janeiro, 2024. Monografia (Especialização em Jornalismo Esportivo) – Faculdade de Comunicação Social, UERJ.

RESUMO

Este trabalho se debruça sobre a sucessão de megaeventos esportivos enquanto expressão de uma alternância da influência de blocos multilaterais, especificamente OTAN e BRICS, na geopolítica pós-Guerra Fria. O recorte se baseia nas sedes de Jogos Olímpicos de Verão e de Inverno, e na Copa do Mundo de Futebol Masculino. Para alcançar melhor compreensão sobre o período, o trabalho também contextualiza a história dos megaeventos esportivos desde o fim do século XIX, assim como a da geopolítica no século XX.

Palavras-chave: Geopolítica, Otan, Brics, Olimpíadas, Copa do Mundo de Futebol.

ABSTRACT

This paper looks at the succession of mega-sporting events as an expression of the alternating influence of multilateral blocs, specifically NATO and BRICS, in post-Cold War geopolitics. The focus is on the Summer and Winter Olympic Games, and the Men's World Cup. To provide a deeper understanding of the period, the study also contextualizes the history of mega-sporting events since the late 19th century, as well as geopolitics in the 20th century.

Keywords: Geopolitics, Nato, Brics, Olympics, Football World Cup.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. OLIMPÍADAS E COPA DO MUNDO: DAS ORIGENS ATÉ A DESPOLARIZAÇÃO DO PLANETA.....	14
1.1 O SURGIMENTO DOS EVENTOS ESPORTIVOS MUNDIAIS.....	14
1.2 EVENTOS ESPORTIVOS NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO E NA GUERRA FRIA...16	
1.3 FIM DA GUERRA FRIA E A EMERGÊNCIA DE UMA GEOPOLÍTICA, E DE UM ESPORTE, UNIPOLAR.....	20
2. OS MEGAEVENTOS DOS BRICS E O RETORNO AOS MEMBROS E ALIADOS DA OTAN.....	24
2.1 DE <i>PEQUIM-2008</i> A <i>PEQUIM-2022</i> : UMA NOVA POTÊNCIA, COM NOVOS ALIADOS, SE APRESENTA ATRAVÉS DO PODER BRANDO.....	24
2.2 OS MEGAEVENTOS BRASILEIROS E A ÓTICA INTERNA SOBRE ELES.....	28
2.3 DO <i>FBI</i> ÀS SANÇÕES: O VORAZ RESSURGIMENTO DO NORTE GLOBAL.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	46

INTRODUÇÃO

As sedes dos principais eventos esportivos, aqui demarcados como os Jogos Olímpicos, de Verão e de Inverno, e a Copa do Mundo de Futebol Masculino denotaram em diversos momentos do século XX o ambiente geopolítico vigente. É importante frisar que a delimitação deste objeto de pesquisa concernindo a esses eventos como os principais eventos esportivos, parte de uma interpretação deste autor com relação a MÜLLER (2015), que afirma serem os Jogos Olímpicos de Verão o único Gigaevento Mundial. Abaixo, estariam os megaeventos: Copa do Mundo de Futebol Masculino, Jogos Olímpicos de Inverno, Eurocopa de Futebol Masculino, Jogos Asiáticos e Expo. Por afinidade, os Jogos de Inverno e a Copa do Mundo eram os eventos óbvios para se juntarem às Olimpíadas de Verão no mote para este estudo, pois ambos são eventos esportivos e envolvem nações de todos os continentes. É relevante destacar que a Copa do Mundo de Futebol Feminino experimenta a partir de 2019, na edição disputada na França, um enorme crescimento em audiência e, conseqüentemente, nas receitas. A edição seguinte, disputada na Austrália e na Nova Zelândia em 2023, teve o número de seleções aumentado de 24 para 32 e manteve a curva de crescimento do evento, registrando audiência e receitas ainda maiores, além de recordes de público nos estádios. No entanto, embora a Copa do Mundo de Futebol Feminino caminhe definitivamente para se tornar um megaevento, sua consolidação é recente, o que não possibilitaria comparações em linhas históricas, tais como faremos com os três tipos de eventos analisados neste trabalho. Até porque também é um torneio novo em comparação aos demais, com sua primeira edição disputada apenas em 1991.

Eric Hobsbawn (1995, p. 558) identifica sobre a segunda metade do século XX: “Para a maioria das pessoas, mesmo a identificação coletiva com seu país vinha agora mais facilmente por intermédio dos esportes nacionais, de equipes e de símbolos não políticos, do que as instituições do Estado.”

Partindo dessa premissa, para além de participar de grandes competições esportivas, é importante para os estados-nações sediá-las, pois além de mobilizar a sua população em torno da identificação com o Estado de uma maneira mais assertiva, as competições em solo próprio ajudariam na propaganda do país no exterior, produziriam uma sensação de bem-estar geral, poderiam gerar inúmeras receitas e empregos nas áreas contíguas ao turismo, assim como empregos a partir de obras de infraestrutura, e produzir também uma vantagem esportiva para os representantes do estado-nação sede. Todas essas observações têm, de certa forma, a ver com o conceito já amplamente desenvolvido de “poder brando”, ou “*soft power*” (NYE, 2008; GRIX, LEE, 2013; BETTINE DE ALMEIDA, 2018).

O aumento da saliência política do esporte, ao longo dos últimos 30 anos, é uma tendência social sobre a qual poucos analistas discordariam. Com efeito, o progressivo envolvimento dos governos com a formulação e implementação de políticas públicas de esporte, no interior das quais se destaca a tentativa de realização de megaeventos esportivos, denota um padrão histórico que se expandiu por diferentes países, tanto aqueles integrantes do núcleo central do sistema capitalista, quanto os chamados países “em desenvolvimento”, “emergentes” ou mesmo pequenos Estados, que passaram a competir para sediar um evento esportivo de grande magnitude. (TOLEDO, GRIX, BEGA, 2015)

Durante os últimos anos da chamada Guerra Fria, os Jogos Olímpicos eram uma expressão, a partir dos resultados esportivos e da alternância nas sedes, da disputa geopolítica vivenciada a partir da derrota nazista na Segunda Guerra Mundial. A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e parte dos demais aliados do seu bloco, representado pelo chamado Pacto de Varsóvia, dominavam o topo dos quadros de medalha olímpicos desde o início da década de 1970, tanto nas versões de verão quanto nas de inverno. A exceção foi justamente em Los Angeles-1984, quando os países do bloco socialista retribuíram o boicote dos norte-americanos e alguns aliados aos jogos de Moscou-1980. Em dezembro de 1979 tropas soviéticas invadiram o Afeganistão. O fato foi o estopim que motivou a decisão do presidente estadunidense Jimmy Carter a boicotar os jogos de Moscou no ano seguinte, conclamando alguns de seus aliados a fazerem o mesmo, como afirmam David Wallechinsky e Jaime Loucky (2012, p. 22).

(...) sucessivos reveses da política externa dos Estados Unidos na década de 1970: a vitória da revolução islâmica no Irã seguida do fracasso da tentativa de resgate dos reféns na embaixada dos Estados Unidos em Teerã; a vitória sandinista na Nicarágua e a invasão soviética no Afeganistão. Um conjunto de humilhações que ajudou a eleger o conservador Ronald Reagan e legitimar seu projeto de retomada da Guerra Fria – no início dos anos 80 – e da expansão dos gastos militares do governo norte-americano. (FIORI, 2001, P. 55)

Os Jogos seguintes seriam na Califórnia e a bandeira dos Estados Unidos da América deveria ser hasteada no encerramento moscovita, assim como deveria ser tocado o hino estadunidense. Foi hasteada a bandeira da cidade de Los Angeles e tocado o hino olímpico. Como era de se esperar, países do bloco socialista boicotaram a Olimpíada nos EUA.

Assim como a URSS sediara os Jogos de Verão em 1980, seguida pelos EUA e pela Coreia do Sul, em 1988, aliada dos norte-americanos, os Jogos de Inverno também tiveram sedes dos “dois lados” nos últimos anos da Guerra Fria: Lake Placid (EUA) em 1980, Sarajevo (Iugoslávia) em 1984, e Calgary (Canadá) em 1988. Importante frisar que a Iugoslávia, embora socialista, jamais fez parte do Pacto de Varsóvia, já que o tratado foi firmado após o rompimento entre os líderes centrais das duas federações: Josip Tito e Josef Stalin (HOBSBAWM, 1995, p. 384-390). Dentro do contexto pan-americano, os Jogos Pan-Americanos de Havana, em 1991, também representam a

inserção dos países socialistas nas sedes de grandes eventos esportivos. Embora realizados após o fim da URSS, Havana foi escolhida ainda durante a existência da União Soviética.

Com o fim da Guerra Fria, representado pela queda do Muro de Berlim e pelo fim da URSS, a geopolítica foi transformada drasticamente a partir de uma “despolarização do mundo”, antes calcado na oposição EUA x URSS. Diante disso, observamos no planeta um sentimento de vitória do capitalismo e, portanto, dos aliados estratégicos dos EUA. Como principal bloco representante deste grupo de estados-nações está a OTAN, ou *NATO* em inglês (Organização do Tratado do Atlântico Norte). “Foi na década de 1990, depois do fim da URSS e da Guerra Fria, como já dissemos, que o mundo começou a renegociar sua nova ‘geometria de poder’” (FIORI, 2001, p. 39, grifo do autor). Dentro deste contexto de uma nova geometria de poder, os Jogos Olímpicos, tanto os de Verão quanto os de Inverno, e as Copas do Mundo da FIFA passaram a ser sucessivamente sediados em estados-nações que compunham a OTAN ou eram historicamente aliados deste bloco¹. Além disso, em 1994, os Jogos Olímpicos de Inverno passaram a ser sediados entre os Jogos Olímpicos de Verão, ou seja, nos mesmos anos das Copas do Mundo da FIFA. Estamos falando basicamente da seguinte sequência: Albertville (França) – 1992 (jogos de inverno), Barcelona (Espanha) – 1992 (jogos de verão), Lillehammer (Noruega) – 1994, EUA – 1994, Atlanta (EUA) – 1996, Nagano (Japão) – 1998, França – 1998, Sidney (Austrália) – 2000, Salt Lake City (EUA) – 2002, Japão e Coreia do Sul – 2002, Atenas (Grécia) – 2004, Turim (Itália) – 2006 e Alemanha – 2006.

É importante ressaltar que todas as escolhas de sedes até 1994 se deram ainda no contexto da existência da União Soviética, portanto durante a Guerra Fria. Mas a própria política norte-americana, a partir do governo de Ronald Reagan, ia recuperando espaços perdidos durante a década de 1970 pela “ala capitalista” do mundo e privilegiando conquistas no âmbito geopolítico, sejam militares ou meramente estratégicas (FIORI, 2001, p. 54-57), como eu assinalo no caso das sedes de Olimpíadas e de Copas do Mundo. A própria URSS sofreu um duro golpe nesse sentido durante a década de 1980, na escolha para a sede da Copa do Mundo da FIFA de 1990: “O país era o grande favorito e o Mundial era visto como a possibilidade do ressurgimento do gigante soviético. Porém, na eleição realizada em Zurique, em 1984, a vitória foi da Itália com 11 votos, contra cinco do rival” (A HISTÓRIA, 2008). As vitórias de Albertville e Barcelona, em 1986, e de Lillehammer, em 1988, ainda tiveram candidaturas adversárias de países do bloco socialista entre as finalistas: Belgrado (Iugoslávia) contra Barcelona, e Sófia (Bulgária) nas disputas pelas Olimpíadas de

¹ No ano de 1989, o mesmo que marca a queda do Muro de Berlim, o Governo dos EUA cria a denominação “Aliado importante extra-OTAN” (“*Major non-NATO ally*”, *MNNA*). Tal designação vale para os países aliados e que trabalham em cooperação com as Forças Armadas Estadunidenses, mesmo não sendo membros diretos da OTAN. Os cinco primeiros membros desse grupo foram: Austrália, Coreia do Sul, Egito, Israel e Japão.

Inverno, sendo a segunda colocada na disputa contra Albertville. Um detalhe que chama a atenção no período exposto entre 1992 e 2006: depois de sediar os Jogos Olímpicos de Inverno em 1980 (Lake Placid) e os de Verão em 1984 (Los Angeles), os EUA sediam Copa do Mundo (1994), novamente as Olimpíadas de Verão (Atlanta – 1996) e as Olimpíadas de Inverno (Salt Lake City – 2002) no imediato pós-Guerra Fria, e num espaço de apenas oito anos. Isto nunca havia sido observado antes na história estadunidense. E este fato se repetirá nesta nova fase: entre 2026 e 2034 os EUA sediarão Copa do Mundo, Olimpíadas de Verão (Los Angeles – 2028) e Olimpíadas de Inverno (novamente Salt Lake City – 2034).

Em 1998, o suíço Joseph Blatter assume a Presidência da FIFA quatro anos antes da primeira Copa do Mundo que seria realizada fora de Europa ou América: Japão e Coreia do Sul, em 2002. Durante a sua gestão determinou que as sedes de 2010 e 2014 seriam, respectivamente, disputadas apenas por países africanos e sul-americanos. No entanto, “irritada com a candidatura única do Brasil para a edição de 2014, a Fifa decidiu abrir livre concorrência para 2018” (CANÔNICO, 2007). Com isso, o breve novo rodízio de sedes para a Copa do Mundo da FIFA teve fim. No entanto, as Copas de África do Sul e Brasil estavam garantidas. Elas fariam parte de uma nova fase de sucessão de sedes de Olimpíadas e de Copas do Mundo.

Se entre 1992 e 2006 os países antes aliados dos EUA, em especial os da OTAN, dominaram as escolhas para sediar Jogos Olímpicos e Copas do Mundo da FIFA, a partir de 2008 quatro dos cinco integrantes dos BRICS (sigla representada por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) dominaram as realizações desses eventos, sendo que três deles (Brasil, China e Rússia) sediam mais de um desses megaeventos entre 2008 e 2022, os mesmos 14 anos que também separam 1992 e 2006. Informalmente a partir de 2006, e oficialmente a partir de 2009, passa a existir o bloco multilateral originalmente conhecido como BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China).

Desde então, o acrônimo, criado alguns anos antes pelo mercado financeiro, não mais se limitou a identificar quatro economias emergentes. O BRIC passou a constituir mecanismo de cooperação em áreas que tenham o potencial de gerar resultados concretos aos brasileiros e às populações dos demais integrantes. Em 2011, a África do Sul passou a fazer parte do agrupamento, acrescentando o "S" ao acrônimo, agora BRICS. (BRICS)

Com a escolha de Pequim (China), em 2001, para sediar os Jogos Olímpicos de Verão de 2008, poucos poderiam imaginar que aquilo representaria uma nova fase na história das sedes olímpicas, em concomitância com as Copas do Mundo de Futebol Masculino. Mas, com as exceções de Vancouver (Canadá) – 2010, Londres (Reino Unido) – 2012, Pyeongchang (Coreia do Sul) – 2018 e Tóquio (Japão) – 2020, esses gêneros de grandes eventos esportivos foram dominados pelos países do bloco dos BRICS entre 2008 e o primeiro semestre de 2022: Pequim (China) –

2008, África do Sul – 2010, Sóchi (Rússia) – 2014, Brasil – 2014, Rio de Janeiro (Brasil) – 2016, Rússia – 2018 e Pequim (China) – 2022. É importante ressaltar, como já foi supracitado, que a África do Sul sediou a Copa do Mundo de 2010 ainda antes de fazer parte dos BRICS. No entanto, seu alinhamento com o bloco já estava claro, vide a formação do IBAS (Índia, Brasil e África do Sul), criado em 2003. De todos os países dos BRICS, até a grande expansão do bloco em 2024, apenas a Índia não sediou nem Jogos Olímpicos, nem Copa do Mundo da FIFA, no período entre 2008 e 2022. Mas é importante ressaltar que a capital indiana, Nova Délhi, sediou os Jogos da Commonwealth (Comunidade de Nações que foram Colônias Britânicas) em 2010, como destaca CORNELISSEN (2010). Embora o evento esteja longe de se comparar aos megaeventos que são objeto deste estudo, ele também denota uma tendência dos BRICS a sediarem eventos esportivos como afirmação de um período de poder.

A sequência já estabelecida entre Jogos Olímpicos e Copas do Mundo, a partir de Catar – 2022, denota uma volta da soberania da OTAN, e seus aliados, na organização desses megaeventos. Inclusive, com a volta dos Jogos e da Copa do Mundo aos EUA. Paris (França) – 2024, Cortina D'Ampezzo e Milão (Itália) – 2026, Canadá, EUA e México – 2026, Los Angeles (EUA) – 2028, Alpes Marítimos (França) – 2030, Espanha, Portugal e Marrocos – 2030, Brisbane (Austrália) – 2032 e Salt Lake City (EUA) – 2034 indicam uma “nova fase” nas sedes, tanto na volta aos estados-nações que os dominaram no pós-Guerra Fria e, por que não dizer, em boa parte da história do século XX, mas também no processo que leva as populações e países a se interessarem em sediar eventos desse porte.

Um importante adendo a ser feito é que a Copa do Mundo de 2034 será realizada na Arábia Saudita, hoje um país integrante dos BRICS. No entanto, a escolha pelo país como sede se deu antes mesmo dele fazer parte do bloco e, até o presente momento, não parece representar um retorno maciço dos megaeventos esportivos ao domínio dos BRICS, mas apenas uma demonstração de força dos chamados *petrodólares* sauditas. Inclusive, tal estado-nação é historicamente um importante aliado dos Estados Unidos da América. Outra observação relevante é a de que os blocos OTAN e BRICS têm naturezas distintas: enquanto este é uma aliança meramente comercial, aquele é um acordo militar que vem desde o período da Guerra Fria. Observando por aí, poderíamos concluir que comparar os blocos seria algo desprovido de sentido. Porém as recentes entradas – ou iminências de inclusão – de novos países nos blocos denotam o crescimento desses agrupamentos e também sua oposição, a partir dos conceitos contemporâneos de Norte e Sul Global. Filiações como as de Finlândia e Suécia – além da querela envolvendo a possibilidade de ingresso da Ucrânia, fato que estimulou a invasão russa em 2022 – à OTAN; e como as de Egito, Arábia Saudita, Emirados

Árabes Unidos, Etiópia e Irã – além do caso da Argentina, que desistiu após a posse do seu atual presidente de extrema-direita – aos BRICS.

O que se entende como “Sul Global” não obedece exatamente à geografia, pois abarca países do sul e do norte do planeta, abrangendo América Latina, África, Ásia e países insulares assim como “Norte Global” abrange também Austrália e Nova Zelândia. Contudo, ambos são conceitos válidos para o campo da Geopolítica. A ideia de Sul Global deriva do chamado Movimento dos Não-Alinhados e do G-77 das Nações Unidas, grupos que advogavam não seguir nem o bloco dos países capitalistas desenvolvidos, o “Primeiro Mundo”, liderado pelos EUA, nem o bloco socialista, liderado pela URSS, o “Segundo Mundo”. (SOUSA, 2024)

Depois de quatorze anos separando Albertville – 1992 e Alemanha – 2006, assim como os mesmos quatorze separando Pequim – 2008 e Pequim – 2022, o bloco da OTAN volta a receber predominantemente os megaeventos esportivos. Mas o que isso quer dizer? Esta é uma das perguntas que este trabalho busca responder. Assim como busca desfraldar o que está por trás – em termos históricos e geopolíticos – desses longos períodos com blocos multilaterais dominando as sedes dos megaeventos esportivos. E se isso representa uma alternância de poder concreta entre eles. Para tanto, o trabalho utiliza referencial bibliográfico que aborda a História Geopolítica e dos eventos esportivos em questão, assim como artigos jornalísticos. Tais materiais contribuem para a construção dos enfoques de cada um dos capítulos e seus subitens a seguir. Deliberações das sessões do COI ou dos congressos da FIFA e, principalmente, os resultados das votações para as escolhas das sedes dos eventos, são importantes instrumentos de análise no intuito de elucidar o processo geopolítico por trás da sucessão dos megaeventos esportivos.

1 – OLIMPIÁDAS E COPA DO MUNDO: DAS ORIGENS ATÉ A “DESPOLARIZAÇÃO” DO PLANETA

1.1 O SURGIMENTO DOS EVENTOS ESPORTIVOS MUNDIAIS

No contexto do surgimento de novas modalidades esportivas, do acirramento nas tensões políticas entre as potências imperialistas e das grandes exposições internacionais, o francês Barão Pierre de Coubertin criou os Jogos Olímpicos da Era Moderna, inspirado no festival religioso em honra a Zeus, da Grécia Antiga, que remonta ao ano de 776 a.C. em sua primeira edição, na cidade grega de Olímpia.

Inspirado por um modelo da antiga Olímpia que ele viu em uma mostra da Exposição de Paris de 1889, Coubertin propôs numa conferência de esportes, em 1892, uma renovação dos Jogos Olímpicos. Sua proposta foi rejeitada, mas em 1894 ele organizou e convocou uma nova conferência e o projeto foi lançado. Inicialmente, Coubertin sugeriu que os primeiros jogos fossem sediados na sua cidade, Paris, em 1900. No entanto, o apoio grego à ideia foi tão entusiasmado que a data foi antecipada para 1896 e o local mudou para a Grécia. Por Olímpia ser um local muito remoto e pouco desenvolvido, os jogos foram dados para Atenas. (WALLECHINSKY, LOUCKY, 2012, p. 10)

Naquele ano de 1896 em Atenas, portanto, 245 atletas de 14 países disputaram os primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna. Em regime quadrienal – exceto por jogos intermediários em 1906, também em Atenas, aos quais o Barão de Coubertin se opôs e não são contados oficialmente como Olimpíada – os jogos da era moderna seguiram periodicamente sendo disputados em cidades europeias até 1912, exceção feita a Saint Louis (EUA)-1904. A edição de 1916, que seria realizada em Berlim, teve de ser cancelada devido à Primeira Guerra Mundial. Voltando em 1920, na Antuérpia, os Jogos Olímpicos foram ampliando paulatinamente a sua repercussão mundial, passando inclusive a ter uma versão de esportes de inverno a partir de 1924.

A cidade de Berlim, impedida de sediar os jogos em 1916, venceu em 1931 a disputa contra Barcelona para sediá-los em 1936. Em 1933, Adolf Hitler toma o poder na Alemanha a partir do evento conhecido como “Incêndio do *Reichstag*”. Com isso, a Olimpíada de Berlim se tornaria um divisor de águas na história dos eventos esportivos. Daquela edição em diante foi introduzido o revezamento da tocha olímpica, inspirado na lenda grega antiga de Prometeu, no qual uma chama gerada em Olímpia seria conduzida até a cidade-sede dos jogos para o acendimento de uma pira – criada para os jogos de 1928, em Amsterdã – ao final da cerimônia de abertura. Esta pira ficaria acesa até o final das disputas esportivas. Porém, o revezamento da tocha foi apenas uma parte de um espetáculo minuciosamente preparado para ser a mais intensa propaganda do regime nazista,

que governava o país-sede. Leni Riefenstahl, a cineasta oficial do *Terceiro Reich*, produziu um material audiovisual inovador dos jogos de Berlim, que culminaria no filme oficial do evento, intitulado *Olympia* e lançado em 1938, no 49º aniversário de Hitler. O que o filme não esconde, por outro lado, é a irritação do *fuhrer* após a conquista de uma das medalhas de ouro do estadunidense Jesse Owens, atleta negro e maior figura de Berlim-1936. Sua hegemonia naquelas disputas contrariava de maneira evidente a tese da “raça ariana”, teoria racista desenvolvida por Hitler.

Aliás, três anos depois, o mesmo Hitler decide invadir a Polônia, o que desencadearia no início da Segunda Guerra Mundial. Por conta dela, os jogos de 1940 e 1944 não ocorreriam, voltando apenas em 1948 em Londres, na versão de verão, e em Saint Moritz, na versão de inverno. No entanto, antes mesmo da Segunda Grande Guerra, um novo evento esportivo mundial fora criado: a Copa do Mundo de Futebol Masculino. Fundada em 1904, a FIFA (Federação Internacional de Futebol Associação) passou a considerar com mais clareza a realização de um torneio entre países de todo o globo apenas a partir da década de 1920. E um dos motivos para tanto foi o sucesso do torneio de futebol nos Jogos Olímpicos de Paris-1924. Mas paralelamente ao crescimento da FIFA e do torneio olímpico de futebol, existia uma questão: a inflexibilidade do Comitê Olímpico Internacional naquele período em relação ao esporte profissional, fato que quase motivou a exclusão do futebol do programa olímpico em momentos anteriores. Tal posição – evidentemente elitista – por parte do COI, contrariava aquilo que defendia a FIFA, num momento em que o futebol se profissionalizava paulatinamente mundo afora. A partir de 1925 os embates entre FIFA e COI se intensificaram em torno do tema, pavimentando o caminho para a primeira Copa do Mundo e para a exclusão da modalidade nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1932.

É curioso ressaltar que o futebol foi pioneiro nas realizações de mundiais de uma única modalidade. Mas não sozinho. O hóquei no gelo fora introduzido nos Jogos Olímpicos a partir de Antuérpia-1920, passando para o programa dos Jogos de Inverno na sua primeira edição, em Chamonix-1924. No entanto, já em 1930, realizou o seu primeiro mundial, meses antes da primeira Copa do Mundo de Futebol. Porém, ao contrário do torneio de futebol, o de hóquei no gelo foi instituído como evento anual. Outro dado relevante a ser destacado é o de que o futebol volta ao programa olímpico em 1936, mas com a obrigação de ser uma competição entre equipes amadoras, a partir de um conceito de amadorismo a ser estipulado pela FIFA. Tal fato perdura até Moscou-1980, com algumas mudanças na definição de amadorismo, muitas vezes beneficiando esportivamente os países comunistas – que contavam com atletas subsidiados pelos governos, o que não era aferido como profissionalismo. A partir da década de 1970, o COI foi abandonando as teses de preservação do amadorismo, o que possibilitou a participação de jogadores de futebol profissionais em 1984 e 88, desde que não tivessem disputado Copas do Mundo da FIFA. No

entanto, já nesse período a questão era outra: a FIFA não queria correr o risco de o torneio olímpico ofuscar seu megaevento: a Copa do Mundo de Futebol Masculino. Isto posto, de 1992 em diante, o futebol masculino olímpico passa a ser disputado por atletas até 23 anos de idade, com 3 exceções por equipe a partir de 1996. No mesmo ano de 1996 foi introduzido o futebol feminino no programa olímpico, sem qualquer restrição de idade ou afins.

Feitas as observações necessárias para compreendermos o papel histórico da Copa do Mundo de Futebol, retornamos à contextualização da sua origem. Presente nos Jogos Olímpicos de Paris-1924, o Presidente da FIFA – Jules Rimet – natural do país sede, acompanhou e se encantou com a vitória dos uruguaiois no torneio, que seriam também bicampeões olímpicos em Amsterdã-1928, gerando a alcunha de *Celeste Olímpica* para a seleção cisplatina. Diante do fato, estava definido, ao menos na cabeça do chefe do futebol mundial, que a Copa do Mundo deveria ter a sua primeira edição no Uruguai. E assim foi. Em julho de 1930, 13 equipes disputaram a primeira Copa do Mundo, na América do Sul – continente este que já tinha seu torneio de seleções consolidado desde 1916. A distância de um Atlântico separando a maior profusão de escolas futebolísticas – Europa – e o país-sede, fez com que o Uruguai se oferecesse para custear a vinda dos europeus para o campeonato. No entanto, apenas quatro seleções de lá compareceram: Iugoslávia, Romênia, França e Bélgica, o que explica o fato de o torneio não ter atingido o número ideal – múltiplo de 4 – de 16 equipes. Vitorioso sobre a Argentina na Final em seu majestoso Estádio Centenário, o Uruguai, em represália, se recusou a visitar a Europa no mundial seguinte, na Itália.

A Copa do Mundo também teve um hiato imposto pela Segunda Guerra Mundial e as edições de 1942 e 1946 não ocorreram. O torneio voltou em 1950, no Brasil. Ao passo que o mundial de futebol tinha edições na Europa e na América do Sul, os Jogos Olímpicos, incluindo os de verão e inverno, foram ter uma edição fora de Europa e Estados Unidos apenas em 1956, em Melbourne (Austrália), sendo portanto a primeira Olimpíada no hemisfério sul. No entanto, transpondo para o conceito de Norte/Sul Global, a primeira cidade do Sul Global a sediar os Jogos Olímpicos foi a Cidade do México, em 1968, também a única latino-americana até o Rio de Janeiro, em 2016, esta a única sul-americana a receber os Jogos. Até hoje, nunca uma cidade africana teve esse privilégio.

1.2 EVENTOS ESPORTIVOS NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO E NA GUERRA FRIA

No período pós-Segunda Guerra Mundial, os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo da FIFA foram paulatinamente incorporando os métodos, a exposição e os produtos que marcam a

“Sociedade do Espetáculo”. Tal conceito se refere à obra de mesmo nome, de autoria do francês Guy Debord, publicada em 1967.

O espetáculo, compreendido na sua totalidade, é simultaneamente o resultado e o projeto do modo de produção existente. Ele não é um complemento ao mundo real, um adereço decorativo. É o coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o *modelo* presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha *já feita* na produção, e no seu corolário — o consumo. A forma e o conteúdo do espetáculo são a justificação total das condições e dos fins do sistema existente. O espetáculo é também a *presença permanente* desta justificação, enquanto ocupação principal do tempo vivido fora da produção moderna. (DEBORD, 2003, p. 15)

A obra de Debord representa uma das principais críticas de sua geração à forma como o ciclo do capital influi nas mais simples formas de interação humana. Uma expressão nítida dessa sociedade “espetacular” nos eventos esportivos mundiais é a inserção cada vez mais ampla do desenho, ou *design*, industrial como iconografia presente e diversa nas Olimpíadas ou nas Copas. Um exemplo disso é a introdução nos jogos de Tóquio-1964 dos pictogramas das modalidades, que facilitavam a universalização da comunicação referente às competições, enquanto também se tornavam marcas registradas que poderiam estar presentes em produtos oficiais do evento, gerando maior margem de lucro para os comitês organizadores. Prova disso é o fato de que em cada novo evento olímpico, novos pictogramas também são desenvolvidos. Assim como na simplicidade rentável dos pictogramas, os logotipos dos jogos vão ficando cada mais objetivos a partir de Tóquio-1964, expressando o principal traço do evento, sendo um carimbo para transformar a superfície onde ele está em “produto olímpico”.

Também na década de 1960, a Copa do Mundo inclui no seu rol simbólico a existência de um mascote, o leão Willie na Inglaterra-1966. Dois anos depois, nos Jogos Olímpicos de Inverno de Grenoble, as Olimpíadas passam a registrar seus mascotes, que só apareceriam nos Jogos de Verão na edição de 1972, em Munique. No final da mesma década de 60, o México sedia num espaço de apenas dois anos os Jogos Olímpicos de Verão e a Copa do Mundo. Os dois eventos possuíam a tipografia idêntica relativa ao logotipo, o que virou uma marca indelével do país e do período até os dias de hoje. Na Copa do Mundo do México-1970, as bolas utilizadas nas partidas passaram a ser bicolores, com gomos pretos em meio a uma maioria de gomos brancos. Daí em diante, cada Copa do Mundo passou a ter uma bola customizada para cada uma de suas edições, transformando o principal objeto de cada partida num produto a ser vendido como representação da mais importante competição do futebol, a cada quatro anos.



Pictogramas e logotipo de Tóquio-1964



Logotipos de Cidade do México-1968 e México-1970

Em meio ao crescimento do interesse de toda a população mundial nos eventos esportivos, que também iam justificando a alcunha adotada neste trabalho – “megaeventos” – a cobertura midiática dos mesmos também se expandia proporcionalmente. E em meio à realização dos Jogos Olímpicos de Verão de Munique-1972, a imprensa mundial cobriu um fato externo e ao mesmo tempo interno às competições, não nos estádios ou ginásios, mas sim na vila olímpica: o “Massacre de Munique”. Cinco anos antes, em 1967, Israel desrespeitou as fronteiras delimitadas pela ONU em 1948 que determinavam os limites para a formação dos estados israelense e palestino, invadindo a Faixa de Gaza, a Cisjordânia e Jerusalém Oriental. Mas não apenas isso: tomou, respectivamente,

da Síria e do Egito, as Colinas de Golã e a Península do Sinai. Exceto esta última, todas as outras localidades seguem sob o domínio de Israel, seja oficialmente ou a partir de ocupações ilegais. Tal evento ficou conhecido como a Guerra dos Seis Dias e, cinco anos depois, durante os jogos de Munique, um ataque por parte do grupo palestino Setembro Negro exigia a libertação de 234 prisioneiros palestinos em território israelense. Para fazer tal exigência, o grupo manteve reféns 11 membros da delegação de Israel em plena Vila Olímpica. Devido à precipitação da polícia alemã, o ato se tornou o pior massacre já visto no âmbito de um espaço gerido por uma organização olímpica: todos os reféns foram mortos, assim como cinco sequestradores e um policial. Três sequestradores foram capturados pela polícia alemã. Tal acontecimento mostra que os conflitos existentes no mundo, dependendo da sua escala, podem sim ser estendidos para o universo dos grandes eventos esportivos.

Desde a invasão da Ucrânia por parte da Rússia, em 2022, a bandeira russa está excluída dos eventos esportivos promovidos pelo Comitê Olímpico Internacional e pela FIFA, assim como por outras federações. A decisão do COI se estende à Bielorrússia, país estreitamente aliado ao governo de Vladimir Putin. No entanto, nos Jogos do Rio-2016, Pyeongchang-2018 e Tóquio-2020 a Rússia também recebeu sanções por parte do COI, após acusações da Agência Mundial Antidopagem (WADA) de que havia um sistema institucional de dopagem nas delegações esportivas russas entre 2011 e 2015. Porém, a mesma proporcionalidade não é adotada contra o mesmo país supracitado, Israel, em meio ao massacre que, neste momento, já passa de um ano na Faixa de Gaza, com número recorde de crianças assassinadas e mutiladas. Mesmo com as condenações do Tribunal Penal Internacional, na Haia, instituições como COI, FIFA e UEFA permitem a participação de atletas sob a bandeira israelense sem qualquer tipo de restrição. Tal fato denota o quanto a geopolítica, e seus blocos multilaterais como a OTAN, determina muito da isonomia do esporte de alto rendimento.

Isto posto, voltamos aos jogos de Munique-1972, pois é nesta edição que a União Soviética passa a ser definitivamente hegemônica na liderança do quadro de medalhas dos Jogos Olímpicos de Verão, fato que perdurará até a sua última participação, em Barcelona-1992, já sob a denominação de Comunidade dos Estados Independentes. Exceção feita, claro, aos jogos de Los Angeles-1984, no qual ocorreu o boicote já trazido à tona na INTRODUÇÃO. A União Soviética à frente no quadro de medalhas dos jogos veranis não era uma novidade: já havia ocorrido em 1956 e 1960. Porém, a partir de 1972, se iniciou uma sequência hegemônica e com a URSS sempre acompanhada de outra nação do Pacto de Varsóvia: a Alemanha Oriental, terceira colocada em 1972 – atrás dos EUA – e segunda colocada em 1976, 80 e 88. Já nos Jogos de Inverno, o domínio foi ainda mais duradouro: entre 1956 e 1988 a URSS só não liderou o quadro de medalhas em 1964 –

liderado pela Noruega – e 1984 – pela Alemanha Oriental, esta que, por sua vez, foi segunda colocada em 1972, 76, 80 e 88. Além das lideranças de URSS e RDA, outros países do Pacto de Varsóvia fizeram grandes figuras nos Jogos Olímpicos de Verão entre 1972 e 1988, tais como: Bulgária, Romênia, Polônia e Hungria. Embora parem acusações ocidentais sobre esquemas de dopagem nesses países, é sensível que havia uma política de afirmação geopolítica dessas nações a partir do desempenho no esporte de alto rendimento, facilitado pela prática esportiva massiva das populações, algo típico dos países comunistas.

A partir do momento em que assinalamos o sucesso do desempenho esportivo dos membros do Pacto de Varsóvia, é fundamental para este trabalho que expliquemos a origem do mesmo. O acordo tem esse nome pois foi feito em 1955 na cidade de Varsóvia, capital polonesa. Também conhecido como tratado de amizade, cooperação e assistência mútua, englobou os seguintes países: União Soviética, Polônia, Alemanha Oriental, Bulgária, Tchecoslováquia, Romênia, Hungria e Albânia. China, Coreia do Norte, Egito e Índia chegaram a ser observadores do bloco. Sua criação, na verdade, foi uma resposta ao Tratado de Bruxelas, assinado em 1948 por Reino Unido, França, Bélgica, Holanda e Luxemburgo diante do poderio soviético na Europa, que se estendia até Berlim. No ano seguinte, com as entradas de Estados Unidos, Canadá, Portugal, Itália, Noruega, Dinamarca e Islândia, passou a se chamar Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). O Pacto de Varsóvia e a OTAN representavam os polos opostos da chamada Guerra Fria. Com o fim da URSS e a queda do Muro de Berlim, o acordo de 1955 foi dissolvido em 1991. Já a OTAN segue existindo e se expandindo, em especial no sentido da região antes dominada pelo Pacto de Varsóvia: o Leste Europeu.

1.3 FIM DA GUERRA FRIA E A EMERGÊNCIA DE UMA GEOPOLÍTICA, E DE UM ESPORTE, UNIPOLAR

Embora o quadro de medalhas olímpico fosse dominado pelos países do Pacto de Varsóvia, especialmente a partir de 1972 e com destaque para os desempenhos de URSS e RDA, tal força não se traduzia em poderio capaz de sediar os grandes eventos esportivos. A primeira tentativa ocorreu apenas um mês após o Pacto de Varsóvia, em 1955, por parte de Budapeste (Hungria) no intuito de sediar os Jogos de Verão de 1960, ficando em quarto lugar. Roma foi a vencedora. A segunda tentativa de um país comunista em sediar um desses três eventos que analisamos, foi apenas 15 anos depois, em 1970, por parte de Moscou (URSS) e também pelas Olimpíadas de Verão, neste caso a de 1976. No primeiro turno da votação, Moscou ficou à frente de suas duas outras adversárias: Montreal (Canadá) e Los Angeles (EUA), esta eliminada nessa fase. Na decisão, porém, Moscou foi

derrotada por Montreal por 41 votos contra 28. O Governo Soviético acusou o Comitê Olímpico Internacional de corrupção durante o processo de escolha. Quatro anos depois, uma nova tentativa moscovita se deu para os Jogos de 1980 na 75ª Sessão do COI, em Viena. Desta vez, vencedora, com placar de 39 votos contra 20 da única adversária Los Angeles que, por sua vez, acabaria sediando os Jogos em 1984, sem adversárias na escolha.

Quatro anos antes de Moscou-1980, a comunista Iugoslávia sediou a fase final da Eurocopa de Futebol Masculino, vencida pela Tchecoslováquia de Panenka. Já quatro anos depois de Moscou, a mesma Iugoslávia sediou os Jogos Olímpicos de Inverno de 1984, em Sarajevo, atual Bósnia e Herzegovina. No entanto, é fundamental demarcar novamente que a Iugoslávia, embora comunista, não fazia parte do Pacto de Varsóvia. Isto posto, faltava a um país do bloco sediar uma Copa do Mundo de Futebol. E a tentativa veio em 1984, para sediar a Copa de 1990. Após sete países retirarem suas candidaturas, URSS e Itália disputaram em turno único e a vitória foi italiana por 11 votos contra 5. Embora os jogos em Sarajevo e Moscou tenham tido sucesso – em especial este último, marcado pelas suas cerimônias de abertura e encerramento, com o icônico mosaico do mascote, o urso Misha, chorando pelo fim dos Jogos – os países comunistas não sediaram mais megaeventos até o fim da Guerra Fria. Isso só aconteceria anos depois, sem Pacto de Varsóvia, mas marcando o início de uma nova fase dessas competições. Porém isso é assunto para o próximo capítulo.

Antes da fase que se iniciaria lá em 2008 em uma sede comunista, o mundo viveria o fim da Guerra Fria e a hegemonia dos Estados Unidos da América neste novo período histórico, em termos econômicos, diplomáticos e militares. Tal hegemonia se espalharia para um domínio nas sedes dos megaeventos esportivos, seja em seu próprio território, como ocorreu na Copa do Mundo de 1994 e nos Jogos de Verão e Inverno, respectivamente, de 1996 e 2002, ou no território dos aliados membros da OTAN, como França, Espanha, Noruega, Grécia e Alemanha, ou mesmo de aliados estratégicos da Organização, como Japão, Austrália e Coreia do Sul. Durante o primeiro mandato de Ronald Reagan como presidente dos EUA, o país fez a primeira tentativa para sediar uma Copa do Mundo de Futebol. Com a desistência, em 1982, da Colômbia em sediar o mundial de 1986, os EUA disputaram com México e Canadá quem herdaria a competição. Mas os latino-americanos levaram a melhor. Já no último ano de seu segundo mandato, novamente os EUA vão para a disputa, desta vez por 1994 contra Marrocos e Brasil, levando a melhor. Segundo Reagan – o último presidente estadunidense a concluir seu governo durante a existência da URSS: “Sempre achei que a partir de nossas ações fica claro para qualquer um que os norte-americanos são um povo moral, que sempre usou o poder somente como uma força do bem para o mundo.” (STONE, KUZNICK, 2015. p. 277).

Mas foi em 1990, na primeira escolha de sede para megaevento após a queda do Muro de Berlim, que o novo mundo “unipolar” deu as caras de maneira evidente. Numa disputa contra outras cinco cidades: Belgrado (na última tentativa da Iugoslávia enquanto estado-nação), Manchester (Reino Unido), Melbourne (Austrália), Toronto (Canadá) e Atenas (Grécia); Atlanta (EUA) estava longe de ser considerada uma favorita. Um dos motivos eram as recentes Olimpíadas disputadas no país norte-americano: Lake Placid-1980 e Los Angeles-1984. Além disso aqueles jogos em questão, os de 1996, marcariam o centenário dos Jogos Olímpicos da Era Moderna. Portanto, especialmente pelo aspecto simbólico, Atenas surgia como a principal candidata. E nas votações dos turnos 1, 2 e 3, a capital grega consolidava o seu favoritismo, ficando em primeiro lugar em todas as disputas. No quarto turno, com apenas Toronto e Atlanta como adversárias, Atenas ficou 4 votos atrás da cidade estadunidense, perdendo no último turno a disputa final por 51 a 35 votos. O resultado foi amplamente criticado mundo afora, especialmente a partir de acusações de suborno no processo de votação que escolheu a cidade-sede da Coca-Cola e da CNN para abrigar os Jogos Olímpicos. Acusações essas que foram posteriormente investigadas pelo Congresso dos EUA, sem o surgimento de provas cabais. Os jogos de Atlanta-1996 foram também reprovados pelo caos nos transportes e pela pouca estrutura para amenizar o calor durante o calendário de competições. No entanto, uma bomba que explodiu no parque construído para os Jogos – o *Centennial Park* – gerando dois mortos e 111 feridos, foi a principal mancha do evento. Seis anos depois, a maior potência imperialista do mundo sediaria também os Jogos Olímpicos de Inverno em Salt Lake City, outra vitória envolta em acusações de corrupção.

Não são mais os boicotes olímpicos, nem o doping de sportistas de destaque. O grande "vilão" do esporte mundial na atualidade é o suborno de dirigentes. Quase ao mesmo tempo, tanto o Comitê Olímpico Internacional quanto a tradicional FA (a federação inglesa de futebol) se viram em meio a problemas semelhantes. O COI é o órgão que está enfrentando maiores dificuldades, já que as principais denúncias de corrupção partiram de um de seus vice-presidentes, o suíço Marc Hodler. Ele disse saber de irregularidades em quatro escolhas de sedes olímpicas relativamente recentes – Atlanta (EUA) e Sidney (Austrália), para os Jogos de 96 e 2000, respectivamente, e Nagano (Japão) e Salt Lake City (EUA), para os Jogos de Inverno de 98 e 2002. Dessas cidades, a que está em pior situação, pelo menos até agora, é Salt Lake City. (SUBORNO, 1999)

Se os Estados Unidos voltaram a vencer na escolha pelos Jogos de Inverno de 2002, dois dos países adversários por Atlanta sediaram os Jogos Olímpicos de Verão seguintes: a Austrália, com Sidney, e finalmente a Grécia, com Atenas. Lembrando que a Grécia é país-membro da OTAN desde 1952 e a Austrália faz parte do ANZUS (Austrália-Nova Zelândia-EUA) desde 1951, a aliança militar contígua à OTAN para o Pacífico Sul. Hoje, o ANZUS é um órgão bilateral entre

Austrália e EUA, depois da saída da Nova Zelândia em 1986, cuja sede fica em Camberra, capital australiana.

A Alemanha, outro membro da OTAN desde 1955, ou desde 1990 em sua versão unificada, sediou um megaevento no período compreendido entre 1992 e 2006. E também foi em um pleito cercado de suspeitas. A disputa pela Copa do Mundo de Futebol Masculino de 2006 se deu em Zurique, no ano 2000. O Brasil abandonou a disputa que, por sua vez, ficou entre dois países europeus e dois africanos, continente este que jamais sediara uma Copa do Mundo, ou mesmo Jogos Olímpicos. Continente de um futebol que crescia e era o campeão olímpico de 1996 com a Nigéria – repetiria a dose dias depois com Camarões, em Sidney – a África era a favorita do Presidente recém-empossado da FIFA, Joseph Blatter. Com as eliminações nos dois primeiros turnos de Marrocos e Inglaterra, o duelo final ficou entre África do Sul e Alemanha, com o país europeu vencendo por um voto. A investigação sobre compra de votos para a Copa da Alemanha de 2006 se estendeu por anos, até prescrever devido à pandemia.

O processo que corria no Tribunal Penal Federal da Suíça (TPF) desde o dia 9 de março está extinto, de acordo com as autoridades do país. Com isso, não será possível descobrir se a Alemanha comprou o direito de sediar a Copa de 2006. O veredito tinha que sair até esta segunda, exatamente 15 anos após os supostos delitos cometidos pelos réus. (PROCESSO, 2020)

É comum que casos de corrupção, ou demais ilegalidades, façam parte de todo o processo que envolve o “espetáculo” – neste caso em bastante conformidade com o viés de DEBORD – dos megaeventos. Há muito dinheiro envolvido e, especialmente, o *soft power* (poder brando). Isto posto, o *status quo* de cada sociedade busca assinalar com mais veemência as irregularidades presentes nas sociedades, ou grupos, que busca combater. Seja em disputas políticas ou econômicas internas a uma determinada fronteira, seja na geopolítica. E principalmente nesta. Do fim da Guerra Fria até a vitória alemã para 2006, um lado – talvez o único lado possível – venceu todas as disputas pelos megaeventos. Até mesmo nos quadros de medalhas, os EUA voltaram a ser a grande potência olímpica dos Jogos de Verão, que distribui maior quantidade de medalhas. Mas todo esse cenário parece começar a mudar a partir de um pleito realizado em Moscou, no ano de 2001.

2 – OS MEGAEVENTOS DOS BRICS E O RETORNO AOS MEMBROS E ALIADOS DA OTAN

2.1 DE PEQUIM-2008 A PEQUIM-2022: UMA NOVA POTÊNCIA, COM NOVOS ALIADOS, SE APRESENTA ATRAVÉS DO PODER BRANDO

No ano de 1993 a China participou pela primeira vez da disputa para sediar um megaevento esportivo. Na Sessão do COI realizada em Mônaco, Pequim liderou os três turnos iniciais da disputa pelos Jogos Olímpicos de Verão de 2000, eliminando sucessivamente Istambul, Berlim e Manchester. Na final, foi derrotada por Sidney por 45 votos contra 43. Na campanha para o pleito, a organização Human Rights Watch, de Nova Iorque (EUA), encampou o lema “Pare Pequim” com o argumento de que violações de direitos humanos ocorriam na China. A principal base para tal acusação era o evento conhecido como Massacre da Praça da Paz Celestial, ocorrido em 1989, no qual a população, liderada por estudantes, foi às ruas da capital chinesa em protesto contra o governo de Deng Xiaoping e suas medidas econômicas. Depois de manifestações que abarcavam cada vez mais cidadãos entre abril e junho, o governo evocou a lei marcial, fazendo com que o exército confrontasse a população, o que gerou centenas de mortes quatro anos antes da escolha da sede das Olimpíadas de 2000.

O interesse em sediar os megaeventos esportivos crescia sobremaneira no final do século XX. Tanto que a disputa pelos Jogos de Verão de 2004 teve onze cidades inscritas, obrigando o COI a fazê-la em duas fases, eliminando seis delas na primeira. Dentre as cinco finalistas, Atenas foi finalmente vitoriosa, mas não contou com Pequim como adversária. A segunda tentativa da capital chinesa se daria em 2001, para os Jogos de 2008. E em Moscou a vitória pequinesa foi acachapante, precisando de apenas dois turnos, mesmos contra outras quatro postulantes: Toronto, Paris, Istambul e Osaka. No primeiro turno, Pequim não conseguiu a maioria absoluta, mesmo liderando de longe, com 24 votos à frente da segunda colocada, Toronto. No segundo turno, a disputa acabou, desta vez com Pequim abrindo 34 votos de vantagem sobre a mesma adversária.

Tal vitória da candidatura chinesa no primeiro ano do século XXI se deu num contexto de enorme crescimento econômico do país, mesmo em comparação com alguns países vizinhos que também viviam tempos de desenvolvimento, os chamados “Tigres Asiáticos”². “Entre 1978 e 1995,

² O termo “Tigres Asiáticos” é usado para caracterizar os dois países asiáticos que, entre as décadas de 1960 e 90, tiveram acelerado crescimento e desenvolvimento econômico, industrial e social: Coreia do Sul e Cingapura. Taiwan, embora muitas vezes mencionado, é reconhecido como estado-nação por apenas 26 países e não tem reconhecimento da ONU; assim como Hong Kong, antiga colônia britânica e hoje parte do território chinês. Tanto Taiwan quanto Hong Kong participam com bandeiras próprias nos eventos do Comitê Olímpico Internacional.

o crescimento econômico da China alcançou a taxa média de 7,49% ao ano e, entre 1985 e 1995, esta taxa chegou à casa dos 10,2%, superior à de todas as demais economias “milagreas” do Leste Asiático.” (FIORI, 2001, p. 152-153). Tal crescimento destacado por José Luís Fiori no exato ano da escolha de Pequim para os Jogos Olímpicos de Verão de 2008, se deve à administração do já citado Deng Xiaoping, que a partir de 1978 deu início à implantação das políticas econômicas que inaugurariam o chamado *socialismo de mercado* na China fato que, indiscutivelmente, salvou a economia socialista chinesa do colapso observado nos estados-nações do Leste Europeu, em especial a URSS. Embora o *socialismo de mercado* surja como conceito contraditório, em especial diante das bases do comunismo chinês de Mao Tsé-Tung, é importante frisar que a população chinesa – hoje em torno de 1,4 bilhão de habitantes – e a própria herança milenar do pensamento chinês fazem com que a estruturação econômica desse país tenha características únicas, mesmo inserido num contexto de revolução socialista e num mundo predominantemente capitalista. Tanto que os objetivos do projeto de Xiaoping extrapolam qualquer prazo de planejamento das chamadas democracias burguesas ocidentais e, embora centralizador e assertivo na busca pelo desenvolvimento, pode ser encarado como bastante gradual no seu processo até o ano de 2050.

Sob tais bases expostas e encetando o caminho do processo de desenvolvimento possibilitador de base material à consecução do socialismo, em rápidas palavras podemos sugerir que o marco atual da estratégia chinesa reside no processo de transformação do país em uma *nação moderadamente desenvolvida* pelos idos da metade do presente século. Esse processo, expresso por Deng Xiaoping, passa por oito duplicações do PIB chinês até 2050 e tendo o ano de 1978 como marco (JABBOUR, 2010, p. 67)

Em paralelo ao crescimento dos indicadores da economia chinesa, o “poder brando” é sem dúvida um elemento fundamental para a evolução do *socialismo de mercado*, haja vista a força que o principal país imperialista e capitalista – os EUA – possui nesse quesito. Exemplo disso foi a própria derrota de Pequim para os Jogos de 2000. Dito isso, a China passou a operar nas brechas deixadas pelos norte-americanos, seja na consolidação de seu mercado – inclusive através de acordos bilaterais e multilaterais – seja na sua afirmação enquanto cultura.

Um país das dimensões da China caminha, necessariamente, para ser um polo gravitacional (...) O futuro da *periferia* (e da solução de diferentes “questões nacionais”) está nesse processo. Processo não mais ligado a laços ideológicos e políticos que se fragilizam diante da primeira investida financeira do *imperialismo*. Este processo corre em paralelo com a perda de poderio, inclusive *moral*, dos Estados Unidos conforme a própria crise financeira em curso tratou de demonstrar. Ao contrário da China que se fortaleceu sobremaneira neste processo. (JABBOUR, 2010, p. 29)

O trecho de Elias Jabbour acima destacado, naturalmente se refere à crise financeira de 2008 e o seu impacto, à época da publicação (2010), no poderio imperialista dos EUA. Mas tal

perda, e como Jabbour reafirma, moral, se dá também devido aos ataques quase simultâneos e em larga escala ao Afeganistão e ao Iraque no início do século XXI. Ambos se deram no contexto do que o governo de George W. Bush chamava de “Guerra ao Terror”, após os ataques terroristas em território estadunidense no dia 11 de setembro de 2001. Tal ofensiva, além de matar cerca de 4,5 milhões de pessoas, se pautava em inimigos inexistentes – ou não comprovados. Como as supostas armas de destruição em massa contidas no território iraquiano governado por Saddam Hussein, jamais encontradas, e em meio a protestos contra os ataques norte-americanos mundo afora.

Exatamente nesse período um novo governo estava no poder na Rússia, desde 2000, liderado por Vladimir Putin. Embora crítico ao comunismo soviético, o chefe de estado recém empossado claramente defendia uma Rússia de fato soberana e mais voltada para os interesses estratégicos na sua região. Ao contrário daquela governada por Bóris Ieltsin após o final da Guerra Fria. Já na América do Sul, a Venezuela tinha como presidente desde 1999 o militar Hugo Chávez, um claro opositor da influência norte-americana na região. O incômodo causado por Chávez aos interesses estadunidenses gerou uma tentativa de golpe de estado em abril de 2002, retratada no documentário irlandês “A revolução não será televisionada”. Porém, o golpe foi frustrado. Em outubro do mesmo ano, o Brasil elegeu Luiz Inácio Lula da Silva como seu presidente, um ex-operário filiado ao Partido dos Trabalhadores e, naturalmente, crítico ao chamado “entreguismo” latino-americano em relação à potência do norte, representado historicamente pela chamada “Doutrina Monroe”³. Em seguida ao Brasil de Lula e à Venezuela de Chávez, outros países sul-americanos elegeram líderes, em maior ou menor escala, também comprometidos com uma independência aos EUA – como, por exemplo, no abandono à ALCA (Área de Livre Comércio das Américas)⁴ – e também com uma união entre as nações vizinhas. Líderes como: Néstor e Cristina Kirchner na Argentina; Tabaré Vázquez e José Mujica no Uruguai; Evo Morales na Bolívia; Rafael Correa no Equador; Michelle Bachelet no Chile; e Fernando Lugo no Paraguai.

Nesse contexto, durante a Assembleia Geral da ONU de 2006 os líderes de Brasil, Rússia, Índia e China fazem uma reunião multilateral que seria o embrião de um novo bloco de cooperação econômica: o BRIC – acrônimo que leva as iniciais desses quatro países. A primeira reunião oficial do grupo se daria em 2009, na Rússia. A China se aproximava assim de uma histórica aliança comercial com seus vizinhos fronteiriços Índia e Rússia, se espraiando posteriormente para laços maiores com este, além da parceria com o maior país sul-americano que, por sua vez, liderava o

³ A “Doutrina Monroe” foi instituída em 1823 pelo presidente estadunidense James Monroe. Estabelecia a não interferência europeia no continente americano. Seu lema era “A América para os americanos” e buscava criar uma hegemonia colonialista dos Estados Unidos no continente, em larga escala bem sucedida através dos tempos.

⁴ A Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) foi uma proposta feita pelos EUA em 1994, com o objetivo de eliminar as barreiras alfandegárias entre os 34 países americanos, com exceção de Cuba. Formando assim uma área de livre comércio, cuja data limite seria o final de 2005.

processo de expansão e cooperação do MERCOSUL (Mercado Comum do Sul), bloco econômico composto por países sul-americanos e fundado em 1991 por Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai.

É no hiato entre o embrião dos BRIC e sua primeira reunião oficial que a China finalmente sedia um megaevento esportivo: Pequim-2008. E as marcas dessas Olimpíadas são definitivas, seja pelas cerimônias mais impactantes do século XXI – especialmente em dimensão do espetáculo – seja pelas instalações esportivas modernas e arquitetonicamente arrojadas, ou seja até mesmo pelos inúmeros recordes e por serem os primeiros jogos de concomitância na presença entre o maior medalhista da história olímpica – o nadador estadunidense Michael Phelps – e o maior velocista da história – o jamaicano Usain Bolt. Também no hiato destacado entre 2006 e 2009, a cidade russa de Sóchi venceu a sul-coreana Pyeongchang e a austríaca Salzburgo pelos Jogos Olímpicos de Inverno de 2014. Já no mesmo ano da primeira cúpula dos BRIC – 2009 – a cidade brasileira do Rio de Janeiro venceu, em Copenhague, o duelo contra Madri, Tóquio e Chicago pelo Jogos de Verão de 2016, sendo a primeira cidade sul-americana a atingir tal feito. Além da presença do presidente brasileiro – Lula – a sessão contou com um discurso do então presidente estadunidense – Barack Obama – em defesa da primeira eliminada do pleito: Chicago. Um sinal dos tempos.

No ano seguinte, em 2010, a África do Sul sedia a primeira Copa do Mundo da FIFA em solo africano. E justamente no mesmo ano, passa a integrar o bloco que, por sua vez, passa a se chamar BRICS. Assim como a África do Sul, o Brasil é escolhido para a Copa do Mundo de Futebol Masculino seguinte, em 2014, numa tentativa da FIFA de praticar um rodízio oficial de continentes. Já para 2018, mas em 2010, a Rússia derrotaria as candidaturas de Espanha/Portugal, Holanda/Bélgica e Inglaterra para se tornar o primeiro país do Leste Europeu a sediar a Copa do Mundo, sonho não realizado no período soviético. Três Copas consecutivas sediadas por países geradores do acrônimo, que hoje já conta com o dobro de estados-membros.

Estabelecidos os BRICS, Pequim tinha um novo desafio pela frente: se tornar a primeira cidade a sediar os Jogos Olímpicos de Verão e de Inverno. Tal feito se tornou realidade em 2015. Originalmente, a capital norueguesa Oslo seria uma das adversárias, mas argumentos que fariam outras candidaturas de países da OTAN naquela década desistirem de disputar o pleito foram acionados: pretensas exigências do COI e falta de apoio popular. No mesmo ano da desistência norueguesa, a Rússia realizou em Sóchi os Jogos Olímpicos, entre Verão e Inverno, mais caros da história, gastando cerca de 51 bilhões de dólares. No mesmo ano, o Parque Olímpico de Sóchi passou a receber o Grande Prêmio da Rússia de Fórmula 1 e, quatro anos depois, recebeu partidas da Copa do Mundo de 2018. Diante da desistência de Oslo, Pequim teve como adversária única pelos Jogos de Inverno de 2022 a cidade cazaque de Almaty, vencendo por 44 votos a 40.

Ao se tornar a primeira cidade a receber os Jogos Olímpicos de Verão e de Inverno, Pequim encerrou a sequência de países dos BRICS como sedes de megaeventos esportivos. Mas é importante que destaquemos um ponto específico. A existência de quatro megaeventos no período compreendido entre 2008 e 2022 sediados em países da OTAN e aliados – Vancouver-2010, Londres-2012, Pyeongchang-2018 e Tóquio-2020 – poderia colocar por terra a tese de que há uma hegemonia de países dos BRICS nas sedes de megaeventos no período. Porém, alguns dados devem ser levados em consideração. Primeiro que os BRICS são um bloco recente e que, até o início deste ano, tinha apenas cinco membros. O que significa que mesmo com alguns países sediando megaeventos duas vezes no período – como ocorreu com Brasil, China e Rússia – seria impossível todas as competições estarem abarcadas apenas pelas nações do acrônimo. Em que pese a Índia ter sediado os Jogos da Commonwealth (Comunidade de Nações que foram Colônias Britânicas) em 2010, mas não ter tentado sediar qualquer um dos megaeventos em questão neste trabalho. Inclusive, dentro do escopo desta pesquisa a China sediou apenas dois eventos esportivos, mas é importante frisar que um ano antes de Pequim-2008 o país sediou a Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2007. Outro dado relevante é o de que África do Sul, Brasil e Índia não têm condições geográficas adequadas para receber os Jogos Olímpicos de Inverno, além de não terem tradição em tais modalidades. Considerando que tanto China quanto Rússia sediaram esse evento, naturalmente sobriam duas edições a serem recebidas por outros estados-nações. Por fim, dos quatro eventos não sediados por países BRICS no período, apenas um contou com uma candidatura derrotada de uma dessas bandeiras: a de Moscou (Rússia) para o Jogos de Verão de 2012, quando esta sequer passou do primeiro dos quatro turnos de votação no ano de 2005. Lembrando que Moscou já tinha recebido o mesmo acontecimento esportivo em outro período histórico (1980).

2.2 OS MEGAEVENTOS BRASILEIROS E A ÓTICA INTERNA SOBRE ELES

O Brasil sediou num espaço de apenas dois anos a Copa do Mundo de Futebol Masculino e os Jogos Olímpicos, neste caso o de verão. Tal fato só havia sido observado em outros três momentos históricos: no México (1968 e 70), na Alemanha Ocidental (1972 e 74) e nos Estados Unidos da América (1994 e 96). Estes últimos repetirão a dose em 2026 e 28, sendo apenas a quinta vez em que isso vai ocorrer. Tamanha novidade se deu no contexto já visitado dos governos de Luiz Inácio Lula da Silva, já que o Brasil foi chancelado como sede de ambos os megaeventos (2007 e 2009) durante o segundo mandato do presidente. No entanto, o Brasil já buscava ser sede de megaeventos mesmo antes da posse de Lula, em 2003. Fora candidato a sediar as Copas de 1994 e 2006, além de ter se inscrito para sediar os Jogos Olímpicos de Verão de 2000, com Brasília, e de

2004, com o Rio de Janeiro. E no primeiro mandato do ex-operário, o Rio tentou novamente para 2012. Mas foi em 2002, poucas semanas antes de Lula ser eleito, que a vitória do Rio de Janeiro sobre a estadunidense San Antonio pelos Jogos Pan-Americanos de 2007 criou uma cronologia que levaria o “sonho olímpico” pela primeira vez à América do Sul. No mesmo ano de 2002, a Colômbia havia desistido de sediar os Jogos Sul-Americanos e o Brasil assumiu os mesmos às pressas, realizando com sucesso. A proposta do Rio para o Pan de 2007 era grandiosa em comparação com edições anteriores, especialmente pelo fato de construir algumas instalações já com o intuito de que se tornassem olímpicas. Além disso, a candidatura carioca propôs, de maneira inédita, sediar os Jogos Parapan-Americanos na sequência, como já ocorria na relação entre os Jogos Olímpicos e Paralímpicos. As duas primeiras edições dos Jogos Parapan-Americanos foram realizadas em sedes distintas dos Jogos Pan-Americanos dos mesmos anos.

A motivação do Brasil para sediar a Copa do Mundo e as Olimpíadas – os dois maiores eventos esportivos e midiáticos do planeta – não foi obter a aprovação mundial como anfitrião de grandes eventos, ou passar nos testes de logística e organização, embora estes sejam quesitos de fundamental importância. A oportunidade de sediar os dois megaeventos em sequência não se resume à construção e à modernização de estádios e equipamentos esportivos. O que motivou o Brasil a recebê-los foi identificar neles uma chance única, uma janela de oportunidades, para fortalecer e acelerar seu desenvolvimento. (FERNANDES, 2014. p. 70)

A oportunidade à qual se refere Luis Fernandes está expressa pelo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), um plano governamental de estímulo ao crescimento, que priorizava investimentos em infraestrutura, nas áreas de saneamento, habitação, transporte, energia e recursos hídricos, entre outros. Tal programa se assemelhava à política de outro presidente brasileiro, Juscelino Kubitschek, que no seu mandato entre 1956 e 61 criou o plano de desenvolvimento conhecido como “50 anos em cinco”. O PAC data de 2007, exatamente o mesmo ano em que o Brasil é escolhido para receber o primeiro dos megaeventos: a Copa do Mundo de 2014. Ou seja, o PAC esteve todo o tempo em consonância com a preparação para que o Brasil recebesse os megaeventos, inclusive influenciando no esforço governamental para atingir a vitória na disputa pelos Jogos Olímpicos de Verão de 2016. É claro que aspectos relacionados ao “poder brando” e ao imaginário popular faziam parte também da agenda do governo brasileiro. Haja vista que o Brasil de Lula passou a ser um *player* internacional cada vez mais relevante e respeitado, vide a formação de blocos como BRICS e IBAS, e passando pela frase do presidente estadunidense Barack Obama em relação ao brasileiro na cúpula do G20 de 2009, em Londres: “ele é o cara”. Em relação ao imaginário popular, a mobilização gerada pelos megaeventos e pelo PAC, em especial a criação de postos de emprego, geraria um melhor humor na população – fator psicológico que compõe a

chamada *economia comportamental* – aspecto de grande relevância para macroeconomias que visam crescer rapidamente. Por fim, o sentimento de protagonismo mundial do Brasil seria um facilitador para um estado de confiança geral da população. No entanto, este último ponto pareceu durar pouco tempo entre a média da população brasileira.

Enquanto no início de 2008 o Governo Lula chegaria a 88% de aprovação (58% de ótimo ou bom, e 30% de regular, segundo CNI/IBOPE), em julho de 2007, na abertura dos Jogos Pan-Americanos no Maracanã, o presidente recebeu sonoras vaias daqueles que estavam no estádio, não conseguindo declarar os jogos abertos, missão que ficou a cargo do então presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, Carlos Arthur Nuzman. O processo brasileiro de grandes eventos esportivos contou também com os Jogos Mundiais Militares (Rio-2011) e a Copa das Confederações da FIFA, em 2013. Durante a realização desta, manifestações de rua se ampliavam e se espalhavam pelo Brasil. Inicialmente identificadas com reivindicações pela melhoria e menor custo do transporte público, se espalharam para um sentido de revolta geral com a desigualdade brasileira, mesmo no período de maior diminuição da mesma, ainda que seguisse sendo o mais aviltante aspecto da nossa sociedade. A presidenta nesse momento já era Dilma Rousseff, sucessora e ex-ministra de Lula, que mesmo com inúmeros bons indicadores em sua gestão, enfrentou tais manifestações, que cresciam nas redes sociais e passavam a contar com títulos e interpretações cada vez mais enviesadas por parte da chamada *grande mídia*. Nas ruas, um dos lemas mais recorrentes era: “Não vai ter Copa”. É curioso que houve Copa, mas as vaias endereçadas a Lula em 2007, foram igualmente soadas contra Dilma pela elite que fazia parte dos públicos da abertura e da final da Copa do Mundo de 2014. Aliás, esta Copa foi marcada por uma profusão de ótimas partidas, tecnicamente falando. Mas, para o povo brasileiro, ficou definitivamente marcada pela tragédia da derrota de 7x1 para a Alemanha, na semifinal, em Belo Horizonte. Um segundo desastre numa Copa do Mundo em casa, mas com um teor de vergonha muito maior do que aquele do *Maracanazo* de 1950.

Embora as chamadas “Manifestações de 2013” sejam dos eventos mais complexos e estudados pelas ciências humanas brasileiras enquanto fenômeno, com inúmeras interpretações de diversos cunhos e espectros políticos, é inegável que o golpe contra Dilma realizado logo após a sua reeleição de 2014 foi muito apoiado na queda paulatina de popularidade iniciada com as ruas de 2013. Seu *impeachment* gerou um novo momento de enorme retrocesso social e econômico observado nos governos do seu ex-vice presidente Michel Temer e de Jair Bolsonaro, que levaram à volta de Lula à presidência mesmo após uma prisão que o impediu de disputar as eleições de 2018.

A Copa sempre foi um alvo errado dos protestos. É o arremedo de quem malha o Judas fingindo que enfrenta o Império Romano. Os movimentos anti-Copa são um *revival* do ludismo, pois lembram Ned Ludd e seu movimento, no século XIX, de invadir fábricas e quebrar máquinas imaginando que, assim, seria possível vencer o

capitalismo e seu maquinário. O ludismo dos “empata-Copa” juntou grupos de esquerda e de direita, intelectuais orgânicos, inorgânicos e energúmenos, e o cartel midiático nacional e de agências internacionais. Até mesmo os cronistas desportivos e a própria FIFA, todos desconfiados uns dos outros, mas com alguma coisa em comum: a dedicação a passar a ideia de que, no Brasil, nada funciona, nada presta, nada vale a pena. O país não é sério. (LASSANCE, 2014. p. 99)

Tal posição coletiva descrita por Antonio Lassance sobre a Copa do Mundo de 2014 se espalha também para uma sensação geral sobre o que foi o Brasil sediar megaeventos esportivos de maneira genérica, ou seja abarcando também os Jogos Rio-2016. Esse sentimento que volta e meia é revisitado pela mídia local, em especial cobrando legados utópicos sem considerar os legados de fato e que inegavelmente existem, basta querer enxergá-los, serve muito bem ao interesse dos países mais poderosos que, com efeito, reconhecem estrategicamente a importância dos megaeventos enquanto força motriz econômica e “poder brando”. Tal como observamos nos países que vem retomando as sedes de tais competições no lugar de nações do Sul Global. Embora o Brasil do Governo Lula 3 pareça querer voltar a fazer parte do circuito de grandes eventos esportivos, também no momento de uma nova versão do PAC. Neste ano de 2024 o Brasil derrotou a candidatura conjunta de Alemanha, Bélgica e Holanda pela Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2027, o evento esportivo que mais cresce na atualidade.

Uma das críticas que foi constantemente feita à preparação do Brasil para a Copa do Mundo de 2014 era com relação à quantidade de estádios e que muitos deles se tornariam *elefantes brancos*. Já que acabamos de citar a Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2027: dez dos doze estádios da Copa Masculina de 2014 serão utilizados nela. Nos Jogos Olímpicos Rio-2016 seis deles receberam disputas, assim como quatro na Copa América de 2019⁵. Porém, antes de aprofundar o tema dos *elefantes brancos*, faremos adendos sobre o Maracanã, principal estádio de ambos os megaeventos e símbolo do país. Construído para uma Copa do Mundo (1950), ele não podia, por vocação, ficar fora da segunda Copa em território brasileiro. Mas seu processo de “modernização” é emblemático e serve como metonímia para outros casos de estádios “modernizados” no Brasil. Em primeiro lugar, o *Maraca* passou por outros dois processos recentes de adaptação para competições internacionais: o primeiro para o Mundial de Clubes da FIFA de 2000, com a introdução de cadeiras nas arquibancadas superiores; e o segundo para os Jogos Pan-Americanos Rio-2007, com o fim da chamada “Geral”, rebaixamento do campo e introdução de novas cadeiras na parte inferior do estádio, além da substituição dos placares por telões. No entanto, os excessos do chamado *Padrão FIFA* ficaram claros pela descaracterização da arquitetura original

⁵ O Brasil se propôs, por iniciativa do presidente Jair Bolsonaro, a receber também a Copa América de 2021 após a desistência da sede conjunta Argentina/Colômbia. Além de não ter sido um evento planejado, não teve público pagante e foi disputado em meio à pandemia de COVID-19, fato este desdenhado pelo então governante do país.

do Maracanã na última reforma. Era evidente que o estádio precisava acabar com seu fosso, estender a amplitude da marquise de concreto e ampliar a quantidade de acessos para o público. Mas o que se viu foi a transformação do Maracanã num estádio genérico, com uma lona no lugar do histórico “anel” de concreto, sem os dois níveis que belamente eram divididos por faixas amarradas pelas torcidas e, especialmente: o gigante não treme mais como antes. Todo esse processo, que a FIFA passa a adotar em maior escala a partir da Copa de Japão/Coreia do Sul-2002 e seus 20 estádios ultra-modernos, se calcava numa padronização “pseudomodernizante” e não respeitava as idiossincrasias culturais de cada país-sede. Essas exigências no Brasil contribuíram para um processo de elitização nos estádios, preconizado e muito bem descrito no filme “Geraldinos”, dirigido por Pedro Asbeg e Renato Martins, lançado em 2015. Parte desse processo é a privatização desses estádios públicos, que passam não mais a servir à população, mas sim ao lucro de empresas concessionárias.

Por outro lado, estádios como a Fonte Nova, em Salvador, e o Mané Garrincha, em Brasília, necessitavam claramente de reformas amplas para seguirem sobrevivendo como equipamentos emblemáticos de suas cidades. Outros estádios, como o Beira-Rio, em Porto Alegre, e a Arena da Baixada, em Curitiba, são privados e foram reformados para a Copa em parceria com os clubes proprietários. O Mineirão, em Belo Horizonte, e o Castelão, em Fortaleza, viveram reformas semelhantes à do Maracanã, mas que interviram muito menos na arquitetura original e resolveram alguns pontos debeis, sendo até referências de como o projeto do estádio carioca poderia ter sido melhor executado. Em São Paulo, a querela envolvendo o maior estádio da cidade, o Morumbi, e seu proprietário, o São Paulo FC, fez com que o SC Corinthians Paulista visse uma brecha para construir um estádio próprio, que acabou sendo caro demais em nome do *Padrão FIFA* e endivida o clube até hoje. Já os estádios de Cuiabá, Manaus e Natal foram os mais assinalados como possíveis *elefantes brancos*. Algumas vezes junto do Mané Garrincha. Mas, por mais que o futebol de Brasília seja impotente, é complicado relativizar a importância de tal equipamento na capital e terceira maior cidade do país. Isto posto, uma das críticas mais recorrentes era de que outras cidades no centro-oeste e no norte do Brasil realizavam mais jogos de futebol relevantes e deveriam ser priorizadas em detrimento de Cuiabá e Manaus, as cidades que turisticamente representariam respectivamente o Pantanal e a Amazônia no megaevento. Estas cidades, objetivamente, eram Goiânia e Belém. É indubitável que uma modernização do Manguelirão, no Pará, faria muito sentido e seria muito bem aproveitada pelas torcidas de clubes como Remo e Paysandu. Já o Serra Dourada, em Goiás, recentemente passou a ficar cada vez mais em desuso, já que os clubes locais – Atlético Goianiense, Goiás e Vila Nova – tem preferido mandar suas partidas em estádios próprios. Diante disso, é fundamental demarcar que, embora toda essa argumentação seja coberta de sentido, a Arena

Pantanal de Cuiabá estimulou o crescimento do clube local Cuiabá EC, que alçou divisões e se manteve quatro anos seguidos na Série A do Campeonato Brasileiro. Assim como a Arena da Amazônia estimulou o crescimento do futebol local, que hoje conta com o Amazonas FC na Série B do Brasileirão, tendo bons públicos. Tal crescimento é passível de atingir, quem sabe, os tradicionais clubes de Natal: ABC e América. Curiosamente, o verdadeiro *elefante branco* reside numa cidade que respira futebol: Recife. Em um processo análogo ao de São Paulo, a capital pernambucana optou por não modernizar seu principal estádio, o particular Arruda. Com isso, foi construída a Arena Pernambuco, em São Lourenço da Mata, outro município da região metropolitana e distante da parte central do Recife. Um estádio cada vez menos utilizado.

O orçamento da Copa ficou em pouco mais de R\$ 26 bilhões. A tão criticada construção de estádios (cerca de R\$ 8 bilhões) não passa de 30% desse valor. Quase 70% dos gastos previstos para a Copa não foram em estádios, mas em infraestrutura, serviços e formação de mão de obra. Os gastos com mobilidade urbana (R\$ 8,14 bilhões) superam os com estádios. Os gastos com aeroportos (R\$ 6,7 bilhões), somado ao que será investido pela iniciativa privada (R\$ 2,8 bilhões), também são maiores que os com estádios. Quase R\$ 2 bilhões foram previstos para gastos em segurança pública, formação de mão de obra e outros serviços. Ou seja, quem achou e falou que o principal investimento da Copa foram os estádios ajudou a desinformar uma multidão de pessoas.

Diz-se que o Brasil exagerou nos estádios. (...) A imprensa desportiva acusa que foram construídos elefantes brancos, sem reconhecer o óbvio: a maioria desses estádios já era de elefantes brancos. Não foi a Copa que os criou. Ao contrário, sua reconstrução ou reforma lhes proporcionará uma segunda chance para deixarem de ser elefantes brancos. No Brasil, existe uma manada de mamutes brancos. Chama-se dívida pública. O Brasil gastou, em 2013, R\$ 248 bilhões com o pagamento de juros, segundo dados do Banco Central. O que se paga de juros da dívida daria para construir um estádio do Mineirão por dia. (LASSANCE, 2014. p. 102-103)

Em 2019 a média de público do Brasileirão Série A chegou a 21.320, passando a casa dos 20 mil pela primeira vez desde 1987. Em 2022, novamente tal marca foi ultrapassada. Já em 2023 o recorde de público do campeonato foi batido, chegando à marca média de 26.502 pagantes por jogo, superando os 22.953 de 1983. A média de 2024 – de 25.781 – foi a segunda maior da história, atrás apenas do ano anterior.

É necessário demarcar que para além dos inúmeros investimentos em infraestrutura gerados pelos megaeventos via PAC, tal como a linha 4 do Metrô do Rio de Janeiro, antes longe de sair do papel, a Copa e as Olimpíadas também acarretaram muitas desapropriações, além de terem contribuído com o fenômeno da gentrificação nos grandes centros urbanos brasileiros⁶. Os Jogos

⁶ Gentrificação é um processo de transformação e supervalorização de uma determinada área da cidade, promovendo um aumento no custo de vida. Essa dinâmica imposta atrai um novo perfil de moradores — uma população de maior poder aquisitivo — ao mesmo tempo que expulsa seus antigos residentes, que partem em busca de bairros mais acessíveis economicamente. Diante disso, a gentrificação aprofunda a segregação socioespacial e evidencia a falta de um planejamento urbano mais eficaz nas cidades. (GUITARRARA)

Olímpicos, especialmente os de verão, com o passar dos anos foram adquirindo novas tendências de impacto sobre as cidades. Inicialmente a partir das vilas olímpicas e das instalações esportivas, até chegar ao auge do rentável em 1984, quando Los Angeles se tornou um enorme espaço de vendas, onde poderosos patrocinadores lucravam de maneira nunca antes vista a partir do esporte de alto rendimento e tudo o que o envolve. Seus promotores lucraram mais de 200 milhões de dólares, número bastante alto para a época. Em Barcelona-1992 “a organização de megaeventos esportivos passa a se constituir em componente do planejamento urbano estratégico, com vistas a melhorar a posição das cidades-sede como pontos de atração de investimentos internacionais numa economia cada vez mais globalizada” (ROLNIK, 2014. p. 83).

Este exemplo de Barcelona foi a inspiração do prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, para comandar a preparação da cidade para a Copa do Mundo e para os Jogos Olímpicos. Eleito em 2008, Paes fez parte da comitiva que foi a Copenhague defender a candidatura carioca para 2016 no primeiro ano de sua gestão. Com isso, pôde arquitetar o projeto de cidade que considerava o ideal para os megaeventos. E esse projeto tinha como base, para além do centro dos eventos esportivos – a região do antigo Autódromo de Jacarepaguá – o projeto do Porto Maravilha. Com a retirada do viaduto que margeava a Baía de Guanabara na Zona Portuária (Perimetral), seria construído ali um longo boulevard, com diversas instalações turísticas, um novo veículo leve sobre trilhos, museus, prédios de negócios e, basicamente, nenhuma moradia. O viaduto que tampava a baía para os olhos dos cariocas foi substituído por dois túneis funcionais e de difícil engenharia. Hoje partindo do seu terceiro mandato para o quarto, Paes começa a inaugurar moradias na região: prédios enormes, sem qualquer limitação de gabarito, que barram a vista dos moradores dos morros da região – como Pinto e Providência – além de bloquearem a circulação de ar numa cidade cada vez mais tragicamente quente. Eduardo Paes se inspirou não apenas em Barcelona, mas no prefeito Pereira Passos, conhecido por uma reforma urbanística que expulsou boa parte da classe trabalhadora do centro da antiga capital brasileira entre 1902 e 1906. Pereira Passos, por sua vez, se inspirava no Barão de Haussmann, prefeito de Paris na segunda metade do século XIX.

Paes conseguiu se tornar um símbolo da cidade olímpica. Antigo inimigo político de Lula, se aliou ao presidente. Participou da vitória na Dinamarca, recebeu a bandeira do movimento em Londres-2012, e foi o Prefeito durante os Jogos. Teve afinco para executar todo o projeto urbano ao que se propôs – inclusive hoje contribuindo para que o CR Flamengo construa seu estádio na região do Porto Maravilha. Sua gestão é marcada pela gentrificação de inúmeras áreas da cidade, pela perseguição a trabalhadores ambulantes e por privilegiar a lógica da *cidade-negócio*. A desapropriação da Vila Autódromo, comunidade urbana contígua ao Parque Olímpico Rio-2016, é

uma marca da açodada e agressiva política de desrespeito à moradia por parte da gestão Eduardo Paes.

A lógica do “legado urbano” dos megaeventos pode ser entendida no âmbito do que ocorreu com o mercado imobiliário e de terras que, com a globalização, passou a ser parte fundamental do circuito financeiro internacional. Vivemos uma “financeirização” do processo de produção de moradia e de cidades. Isso significa que os ativos imobiliários, mais do que representarem um valor de uso para as cidades, são um ativo financeiro passivo de especulação. Não é possível entender o projeto do Porto Maravilha, no Rio de Janeiro, ou o da Cidade da Copa, no Recife, senão nesse contexto. (ROLNIK, 2014. p. 83)

Os megaeventos brasileiros estão inseridos numa conjuntura de crescimento dos membros dos BRICS, e aprofundar a análise dessas competições a partir da experiência interna é também contar um pouco mais detalhadamente o que significa sediar esses eventos, especialmente nesse período. Essas versões brasileiras têm características particulares e, principalmente, convivem com as contradições muito presentes da opinião pública local sobre elas. Opinião pública esta que, diversas vezes, é influenciada por uma mídia inimiga deste *nacional-desenvolvimentismo* levado a cabo por figuras como Lula, Kubitschek lá atrás e o pioneiro Getúlio Vargas. Essa política desenvolvimentista no século XXI fez o Brasil passar a explorar petróleo na camada pré-sal⁷ e, a posteriori, exportar sua tecnologia de grandes obras de infraestrutura para outros países sul-americanos e africanos, a partir de empresas como Petrobras e Odebrecht. Essa situação gerou uma expansão significativa da presença tecnológica e estratégica brasileira no Atlântico Sul, fato que naturalmente incomodou o líder do Atlântico Norte: os Estados Unidos. Como comprovou o Wikileaks, a presidência brasileira era espionada pelos EUA. Pouco tempo depois disso, a chamada Operação Lava-Jato foi atrás de funcionários corruptos justamente das empresas que tocavam essa expansão tecnológica. Aos invés de punir especificamente as pessoas físicas, a operação liderada desde Curitiba prejudicou as empresas e muitas dessas obras de infraestrutura do PAC foram interrompidas. Depois dos megaeventos o Brasil viveu um período de depressão econômica e maior isolamento geopolítico. Simultaneamente, as competições voltavam para os locais onde, normalmente, sempre estiveram.

2.3 DO *FBI* ÀS SANÇÕES: O VORAZ RESSURGIMENTO DO NORTE GLOBAL

É interessante observar que a alternância de poder no interior das entidades que promovem os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de Futebol – COI e FIFA – se confunde de alguma maneira

⁷ O pré-sal encontrado no Brasil é uma grande reserva de petróleo e de gás natural encontrada em águas profundas, a mais de sete mil metros abaixo do nível do mar, sob uma extensa camada de sal que atinge até dois mil metros de espessura, o que dificulta sua exploração. (SOUSA)

com a alternância de sedes no pós-Guerra Fria, salientada neste trabalho e resumida a partir do título OTAN – BRICS – OTAN. O espanhol, de origem catalã, Juan Antonio Samaranch assume a presidência do Comitê Olímpico Internacional em 1980. Em sua administração são realizados os Jogos de Los Angeles-1984, já mencionados como a Olimpíada que contou com vultosos investimentos privados de seus patrocinadores que, por sua vez, obtiveram cifras recordes de lucro, inaugurando um novo momento dos megaeventos esportivos enquanto força capitalista. E, mantendo assim, relação direta com os ventos neoliberais desse tempo, que faziam o conceito de “sociedade do espetáculo” ganhar ainda mais sentido. Samaranch esteve à frente do COI nas escolhas de sedes para Jogos Olímpicos desde as vitórias de Seul (Coreia do Sul) e Calgary (Canadá) para 1988 até o triunfo de Pequim (China) para 2008. Ou seja, todas as escolhas por sedes olímpicas de países-membros da OTAN, ou aliados, no imediato pós-Guerra Fria foram feitas sob a gestão de Juan Antonio Samaranch.

Curiosamente, na mesma Sessão do COI – em Moscou – que escolheu Pequim para sediar as Olimpíadas de 2008, um novo presidente do comitê foi eleito: o belga Jacques Rogge. O marco que mudou o espectro geopolítico dos megaeventos esportivos, também trouxe a primeira mudança no comando do COI em 21 anos. Rogge foi o presidente que anunciou as vitórias de Sóchi (Rússia) para 2014 e do Rio de Janeiro (Brasil) para 2016. Em 2013, passou o bastão para o alemão Thomas Bach, na mesma Sessão do COI – em Buenos Aires – que escolheu Tóquio (Japão) para os Jogos de 2020. A primeira Sessão responsável por escolher uma sede de megaevento com o alemão como presidente do COI, definiu Pequim (China) como sede para 2022. No entanto, daí em diante, Thomas Bach anunciou sedes vitoriosas apenas de países da OTAN e aliados: Paris (França) – 2024, Cortina D’Ampezzo e Milão (Itália) – 2026, Los Angeles (EUA) – 2028, Alpes Marítimos (França) – 2030, Brisbane (Austrália) – 2032, e Salt Lake City (EUA) – 2034. Bach ainda é presidente do COI até 2025, mas já se recusou a tentar um terceiro mandato. Chama a atenção que um dos principais postulantes ao próximo período como presidente do Comitê é o atual vice-presidente, filho de Juan Antonio Samaranch e homônimo do mesmo.

Pelo lado da FIFA, em 1974 assumiu como seu presidente o brasileiro João Havelange, ex-mandatário da CBD (Confederação Brasileira de Desportos). Segundo Andrew Jennings (2014, p.63):

Estudei Horst Dassler, antigo chefe da Adidas. Aprendi como ele começou, na década de 1960, a investir tempo, dinheiro e as influências de sua companhia para colocar homens úteis em cargos de poder. Ele empregou uma equipe secreta de *fixers* [arranjadores], a fim de manipular eleições, e assim os homens de Dassler saltaram ao topo do mundo da política nos esportes. Foi o dinheiro da Adidas que garantiu a João Havelange a presidência da Fifa em 1974. E eis o que Dassler queria em troca: contratos exclusivos para a International Sport and Leisure (ISL),

a companhia de marketing esportivo que ele havia fundado, e dominação mundial para sua companhia de artigos esportivos, a Adidas.

Havelange comandou dois aumentos da quantidade de participantes na Copa do Mundo: de 16 para 24 em 1982, e de 24 para 32 em 1998⁸. Além disso, criou novos eventos FIFA, tais como os Mundiais sub-20 e sub-17, a Copa das Confederações e a Copa do Mundo de Futebol Feminino, além de ter passado a organizar a Copa do Mundo de Futsal Masculino a partir de 1989. Na mesma reunião do comitê executivo da FIFA que elegeu João Havelange, a Colômbia foi escolhida como país da Copa do Mundo de 1986. Porém, desistiria anos depois, fazendo com que a Copa fosse disputada novamente no México. O confronto entre México, EUA e Canadá para substituir a Colômbia foi o primeiro chefiado pelo brasileiro por uma sede de Copa do Mundo, em 1983. As quatro Copas do Mundo seguintes tiveram locais escolhidos durante a presidência de Havelange: Itália-1990, EUA-94, França-98, e Japão/Coreia do Sul-2002. Os três primeiros países são membros da OTAN. Os outros dois, aliados de primeira ordem.

Somente em 1998, após 24 anos no poder, João Havelange foi sucedido pelo suíço Joseph Blatter, então diretor executivo (CEO) da FIFA. Blatter presidiu a escolha da sede da Copa do Mundo de 2006, quando a África do Sul perdeu por um voto para a Alemanha numa rodada desempate. Era claro que o suíço torcia para o país africano, o que marcaria em sua gestão a primeira Copa do Mundo naquele continente. Diante disso, na reunião do comitê executivo da FIFA de 2001, em Buenos Aires, foi cancelado o rodízio de continentes para receber a Copa do Mundo de Futebol Masculino. A ordem a ser respeitada seria: 2010 – África, 2014 – América do Sul, 2018 – América do Norte ou Central, 2022 – Ásia e 2026 – Europa. Mas o rodízio não teve vida longa: foram escolhidas as sedes de 2010 para a África do Sul e a de 2014 para o Brasil, no entanto, após a candidatura única do Brasil para 14, a FIFA encerrou a alternância planejada em 2001. Para 2018, numa disputa apenas entre países europeus, a Rússia foi vitoriosa. Já para 2022, o Catar faria a primeira Copa do Mundo no Oriente Médio, após derrotar EUA, Coreia do Sul, Japão e Austrália. Ambas as escolhas foram feitas na mesma reunião, em dezembro de 2010. E seriam as últimas da gestão de Blatter que, por sua vez, presidiu as escolhas dos três países BRICS que receberam a Copa do Mundo neste século, até aqui: África do Sul, Brasil e Rússia.

A perda da posição da América do Norte no rodízio, prevista para 2018, e a derrota estadunidense para o Catar pela Copa de 2022, gerou uma ação que mudaria os rumos da FIFA e, portanto, do futuro do seu megaevento.

⁸ É comum vermos a própria FIFA denominar o evento quadrienal que chamamos aqui de Copa do Mundo de Futebol Masculino de “Fase Final da Copa do Mundo”. Mas neste trabalho entendemos que, quando citamos Copa do Mundo, estamos nos referindo ao evento quadrienal com sedes pré-definidas.

Bill Clinton era o presidente de honra da candidatura dos Estados Unidos. Depois da decisão que deu ao Catar a Copa do Mundo de 2022, Clinton se dirigiu ao hotel e as recepcionistas contaram que ele parecia muito irritado. Mas era muito mais do que isso. Chegando ao seu quarto, ele pegou um objeto da decoração e atirou contra o espelho, fazendo pedaços. O ex-presidente americano não acreditava que os Estados Unidos tinham perdido a disputa para sediar a Copa para o Catar. “Ele estava furioso”, disse uma fonte ao jornal inglês Telegraph, sobre a reação dele à derrota na disputa. “Ele se sentiu humilhado e não acreditava na decisão”, disse a fonte ao Telegraph. (LOBO, 2015)

Estamos em 2015. As acusações recentes de corrupção envolvendo escolhas de sedes de megaeventos esportivos não tinham gerado grandes consequências, inclusive duas delas contra candidaturas estadunidenses. Falamos de Atlanta-1996, Nagano-1998, Sidney-2000, Salt Lake City-2002 e Alemanha-2006. Mas caso houvesse qualquer possibilidade de imputar a FIFA por alguma das escolhas mais recentes – 2018 e/ou 2022 – o estado norte-americano colocaria suas instituições para funcionar em torno disso. Era um projeto estratégico. E assim foi feito.

O FBI comandou uma operação surpresa na Suíça na manhã desta quarta-feira em Zurique, com mandados de prisão para 14 dirigentes da Fifa, entre eles José Maria Marin, ex-presidente da CBF. Não se trata só de uma operação isolada. A ação é resultado de uma investigação permitida pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos e executado pelo FBI. Só que é mais do que isso. Paralelamente, o Departamento de Justiça da Suíça está investigando a Fifa por corrupção e lavagem de dinheiro e, também por isso, uniu forças com os Estados Unidos nesta operação. Segundo o Departamento de Justiça dos Estados Unidos, as investigações vão desde 1991, o que inclui também a gestão de João Havelange na Fifa – que foi até 1998, quando Blatter assumiu a presidência e lá está desde então. Envolve também Ricardo Teixeira, que acabou indo para as sombras exatamente por causa da justiça suíça, que o obrigou a devolver dinheiro de suborno em 2012.

Tudo começou por causa do Catar. A escolha do país como sede da Copa do Mundo de 2022 gerou muitas perguntas sem resposta, suspeitas de corrupção que só cresceram com o tempo e a operação abafa que a entidade parece ter feito para inocentar os seus dirigentes. Só não conseguiram sucesso porque, àquela altura, o FBI já estava envolvido em investigações, como nós contamos aqui. Os Estados Unidos eram fortes candidatos a receberem a Copa de 2022 e a derrota nebulosa acabou levantando suspeitas de corrupção e, assim, envolveram as autoridades americanas. (LOBO, 2015)

Mas como o *FBI* (*Federal Bureau of Investigation* – Departamento Federal de Investigação dos EUA) e a justiça estadunidense fariam para julgar em seu próprio território processos contra estrangeiros que não viviam nos EUA, ou contra instituições sediadas no exterior? Eles tinham uma solução para isso:

Um dos motivos que levaram o FBI a entrar nessa história foi a corrupção na Concacaf, a Confederação de Futebol das Américas Central e do Norte. Jack Warner, ex-presidente da entidade, foi investigado pelo FBI por seu envolvimento na vitória da candidatura do Catar. Por que? O simples uso de bancos americanos, mesmo fora do país, permite que as autoridades americanas investiguem e levem os acusados para serem processados nos Estados Unidos.

Pode parecer estranho, mas é uma premissa bastante válida dos americanos. A lei dos Estados Unidos dá ao Departamento de Justiça total autoridade para levar os casos contra estrangeiros que vivem no exterior. Esse é um recurso que foi muito utilizado pela justiça americana em casos de terrorismo. Nestes casos, mesmo a menor ligação com os Estados Unidos pode bastar, como o uso de um banco ou um provedor de internet americano.

“De acordo com um pedido de jurisdição feito pelos Estados Unidos para nós, três crimes foram cometidos e preparados nos Estados Unidos, e os pagamentos foram feitos através de bancos americanos”, diz o Departamento de Justiça da Suíça, nesta quarta-feira, explicando a operação conjunta com o FBI. (LOBO, 2015)

É importante frisar que a operação comandada pelo *FBI* se deu dois dias antes do Congresso da FIFA que reconduziria Joseph Blatter a um quinto mandato, ou seja num contexto em que todos os dirigentes da entidade se encontravam em Zurique. Mesmo eleito, Blatter se viu numa situação de enorme pressão política e midiática, aparentemente muito bem traçada pela estratégia norte-americana. Apenas três dias após a vitória no pleito, o suíço convocou uma assembleia extraordinária para a escolha de um novo presidente da federação, garantindo que não participaria da disputa. Em fevereiro de 2016 foi eleito o novo, e atual, presidente da FIFA: o também suíço Gianni Infantino. Como uma de suas primeiras plataformas como mandatário, Infantino propôs uma medida que o faria ganhar prestígio com diversas associações mundo afora, além de aumentar drasticamente o número de partidas da Copa do Mundo de Futebol Masculino, o que fatalmente agradaria aos patrocinadores: elevar o número de seleções no torneio de 32 para 48 em 2026. Menos de um ano depois, a medida estava aprovada por unanimidade pelo Conselho da FIFA.

Na semana da abertura da Copa do Mundo de 2018, em Moscou, se desenrolou também o Congresso da FIFA que escolheria a sede da competição em 2026. Este era o momento em que a gestão Infantino poderia demonstrar ao país do *FBI* “para o que veio”. E foi o que ocorreu. Por 134 votos a 65, a candidatura conjunta de EUA, México e Canadá venceu a de Marrocos. Conjunta, *pero no mucho*. Das 16 cidades-sede da Copa, 11 estão em solo estadunidense. Todas as partidas das quartas de final em diante serão nos EUA. E, por fim: das 104 partidas em 2026 – entre 1998 e 2022 eram 64 jogos no total – 78 partidas serão disputadas nos Estados Unidos, o que dá 75% do torneio. Enquanto México e Canadá receberão apenas 13 partidas cada.

Foi neste Congresso que levou a Copa do Mundo de volta à América do Norte, como planejado pelos derrotados por 2022, que o voto do então presidente da CBF (Confederação Brasileira de Futebol) expressou como estavam se dando as “negociações políticas” para que aquele mundial pudesse representar a retomada dos megaeventos por parte dos EUA, junto da recém escolhida Los Angeles-2028. A Conmebol (Confederação Sul-Americana de Futebol) havia acordado com a Concacaf (Confederação de Américas do Norte, Central e Caribe) que todos os seus

países votariam pela candidatura do norte. Em troca, os países da Concacaf, incluindo os EUA, apoiariam a candidatura conjunta de Argentina, Chile, Uruguai e Paraguai para a Copa do Mundo de 2030. O presidente da CBF – Antonio Carlos Nunes – votou no Marrocos sem saber que seu voto se tornaria público. Depois de feito, argumentou algo que faz total sentido: “Estados Unidos e México já fizeram Copa, não é? Seria bom se fosse Marrocos”.

Para a Copa do Mundo de 2030, a candidatura sul-americana despontava como benquista diante do simbólico fato de que representaria a Copa do Mundo do centenário, já que o primeiro mundial foi disputado em 1930, no Uruguai. Portanto, nada mais interessante que a competição voltar ao seu berço, assim como defendiam os entusiastas da candidatura de Atenas para os Jogos Olímpicos de Verão de 1996. Além disso, desde o último mundial na América do Sul – Brasil-2014 – já teriam se passado 16 anos. No entanto, a FIFA tinha outros interesses para a Copa do Mundo de 2030, bem distantes do estímulo a um futebol que cultua suas raízes como forma de se vender ainda mais forte. Ademais, a Copa do Mundo não poderia ficar mais de doze anos fora da Europa e mais de 24 anos longe de sua parte ocidental. Diante disso, os países ibéricos membros da OTAN – Espanha e Portugal – se juntaram ao derrotado de 2026 – Marrocos – e construíram a candidatura vencedora. Como prêmio de consolação, a FIFA de Infantino sugeriu uma solução das mais ridículas para a América do Sul: ao invés de garantir a vitória para 2034, como já se fez em outros tempos, propôs que três partidas dentre as 104 do torneio sejam disputadas em Uruguai, Argentina e Paraguai. Uma vergonha para um continente que é referência no esporte mais popular do mundo. A gestão Infantino também já garantiu que a Copa do Mundo de 2034 será na Arábia Saudita, apenas 12 anos depois do pequeno vizinho fronteiriço Catar recebê-la. A propósito, poucos meses depois da escolha, a Arábia Saudita foi aceita como membro dos BRICS. O que isso quer dizer sobre o futuro geopolítico do bloco? Ainda precisamos de tempo para entender, já que o ingresso dos sauditas se deu apenas neste ano.

Poucos dias antes da finalização deste trabalho, ocorreu o sorteio da primeira grande Copa do Mundo de Clubes, com 32 equipes. Criada pela gestão Infantino, naturalmente a competição se dará nos EUA, um ano antes da Copa do Mundo de 2026. Durante a cerimônia que compôs os chaveamentos, o recém-eleito presidente estadunidense – Donald Trump – enviou um discurso no qual se referia a Gianni Infantino com palavras bastante amáveis. Enquanto isso, sua filha e seu neto participavam ativamente da abertura das “bolinhas”.

Em 2012 a Eurocopa de Futebol Masculino foi realizada conjuntamente por Ucrânia e Polônia. Dois anos depois, a Ucrânia viveu um golpe de estado que depôs o presidente eleito Victor Yanukovich. Daí em diante, o país passou a viver em estado de guerra civil permanente, no qual o leste do país se opunha ao oeste, este mais ligado a União Europeia e OTAN e aquele à Rússia.

Yanukovich refutava a integração ucraniana à União Europeia, algo que contrariava a maioria da população da capital – que fica no oeste do país – Kiev. Em sequência, habitantes da Crimeia – região cedida à República Socialista Soviética da Ucrânia pela URSS de Nikita Khrushchev, em 1954 – votaram em plebiscito que preferiam fazer parte da Federação Russa em detrimento da Ucrânia pós golpe. O resultado foi de 97,5% contra 2,5%. A Rússia então passou a reconhecer a Crimeia como república autônoma, depois a anexou. Ao norte do Mar de Azov, que separa a Crimeia da Rússia, está a região de Donbass, cuja capital é Donetsk. Nesta cidade está um dos estádios mais modernos da Euro-2012: a Donbass Arena, que sediou, entre outras partidas, a semifinal entre Espanha e Portugal. Desde 2014 o estádio não pode receber partidas, o que denota a gravidade da guerra civil ucraniana. Com a chegada de Volodymyr Zelensky ao poder de Kiev, em 2019, a tensão com a vizinha Rússia se extremou, principalmente por uma aproximação mais clara não apenas da União Europeia, mas de acordos que poderiam levar a Ucrânia à OTAN. É importante lembrar que, na Organização, um ataque contra um ou mais dos seus membros é considerado um ataque contra todos. Em 2022, durante a realização dos Jogos Olímpicos de Inverno de Pequim, os presidentes da Rússia e da China – Vladimir Putin e Xi Jinping – estabeleceram um acordo histórico, expresso no documento conjunto “Declaração da Federação Russa e da República Popular da China sobre a Entrada das Relações Internacionais numa Nova Era e o Desenvolvimento Global Sustentável”. Dias depois, a Rússia invadiu as fronteiras ucranianas, transformando a guerra civil numa guerra russo-ucraniana.

No âmbito esportivo, a Rússia amargava sanções desde o final dos Jogos de Inverno que sediou – Sóchi-2014. Como já dito neste trabalho (item 1.2), em 2015 a WADA (Agência Mundial Antidopagem) acusou a Rússia de ter destruído amostras coletadas para fins de controle de doping. De imediato, a IAAF (Associação Internacional de Atletismo), presidida pelo britânico Sebastian Coe, suspendeu o país das suas competições. Logo depois, a própria WADA pediu a suspensão de todo o esporte russo por quatro anos. A delegação para os jogos do Rio-2016 foi bastante desfalcada, mesmo sem qualquer processo de julgamento concluído. A bandeira russa não pôde estar presente em Pyengchang-2018, Tóquio-2020 e Pequim-2022, em quase 6 anos de punição. A Copa do Mundo de 2018 transcorreu normalmente, assim como São Petersburgo pôde sediar a Euro-2020 em 2021 (devido à pandemia). Após a deflagração da guerra na Ucrânia, a Rússia passou a sofrer outras sanções desportivas, assim como as político-econômicas. Foi excluída da reta final das eliminatórias para a Copa do Mundo de 2022, assim como sua bandeira não esteve presente em Paris-2024. Enquanto isso, os EUA ou aliados da OTAN, como Israel, não sofrem qualquer tipo de sanção por desrespeitarem fronteiras e soberanias estabelecidas ou reconhecidas pela ONU. Ou mesmo por desrespeitarem fragorosamente a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Em

2021, nos Jogos de Tóquio, o judoca argelino Fethi Nourine e seu treinador, Amar Benikhlef, se recusaram a participar de uma luta contra o israelense Tohar Butbul. A Federação Internacional de Judô suspendeu ambos por desproporcionais dez anos. Em Paris-2024, já durante a fase do atual genocídio em curso contra a população palestina, outro judoca argelino – Messaoud Redouane Dris – teve que chegar acima do peso no momento da luta contra o mesmo Butbul, no intuito de não sofrer uma agressiva punição como ocorreu com seu compatriota depois de Tóquio. E, ao mesmo tempo, de não passar pelo constrangimento de naturalizar, através da justa disputa esportiva, a bandeira que promove o mais violento *apartheid* da atualidade.

Desde a investida de 2015 do *FBI* em Zurique, passando pela volta de Paris e Los Angeles aos Jogos Olímpicos, assim como pela segunda Copa do Mundo de Futebol Masculino em território estadunidense, os aliados norte-americanos – em especial aqueles da OTAN – voltaram a dominar o cenário dos megaeventos esportivos. E faz parte desse processo oferecer migalhas aos sul-americanos para 2030 ou sancionar esportivamente apenas aqueles que não são aliados, principalmente se representarem ameaça de poder geopolítico. Mesmo que os motivos para as punições se deem de igual maneira, ou pior, nas atitudes dos aliados. Este é o mundo belicoso de 2024, no qual o Norte Global intensifica ações drásticas em prol de um *neoimperialismo*. E o esporte de alto rendimento, com seus megaeventos, apenas denota sintomas dessa conjuntura.



Um sorridente presidente da Conmebol, Alejandro Domínguez, ao lado dos também animados presidentes das associações uruguaia e argentina, Ignacio Alonso e Claudio Tapia, respectivamente. Festa por três partidas das 104 de 2030 e vaga garantida para três seleções sul-americanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma observação importante sobre o cenário atual dos megaeventos esportivos: antes deles retornarem em série para os países da OTAN e aliados, a imprensa de boa parte desses mesmos locais se encarregou em propagar a ideia de que megaeventos não eram mais interessantes como mecanismo de “poder brando” e outras valências. Segundo Gunter Gebauer em SHALLING (2017): “é bastante evidente que os Jogos Olímpicos não são mais atraentes. Ou seja, um país não espera mais lucrar com eles”. No entanto, chegamos até este ponto do estudo já com bastante clareza de que os Jogos Olímpicos, mas também a Copa do Mundo de Futebol, são eventos de grande interesse na atualidade. Caso contrário, não seriam justamente os países ricos, e que buscam cada vez mais reafirmar seu poder diante de um cenário geopolítico mais distante da unipolaridade da década de 1990, os próximos a sediarem todos os megaeventos. Tal argumento de desinteresse chegou inclusive a habitar o imaginário de algumas populações europeias, tal como podemos observar na disputa pelos Jogos de 2024: “Cinco candidatos se registraram originalmente para 2024. Primeiro, os cidadãos de Hamburgo disseram que ‘não’, através de um referendo popular, realizado há quase dois anos. Depois, Roma e Budapeste retiraram suas candidaturas” (SHALLING 2017). Mas esse posicionamento coletivo se dava justamente no momento em que os países BRICS sediavam os megaeventos e a imprensa noticiava manifestações contrárias no Brasil e alto custo dos Jogos de Inverno na Rússia. Apenas esqueciam que o gasto empregado com Sóchi-2014 também valeu como parte do investimento para a Rússia receber um Grande Prêmio de Fórmula 1 e a Copa do Mundo. Além de tudo isso, era atribuído aos Jogos de Atenas-2004 grande implicação no colapso econômico vivido pela Grécia de 2010 em diante.

Tal movimento de desconfiança com a possibilidade de se sediar um megaevento já aconteceu em outros momentos históricos. Como, por exemplo, a partir do atraso da preparação canadense para Montreal-1976, que fez com que a organização tivesse que empregar um número enorme de novas mãos de obra para conseguir concluir as instalações olímpicas e demais infraestruturas a tempo. O orçamento dessa Olimpíada foi extrapolado em 720%. A sede dos Jogos Olímpicos de Verão de 1984, a primeira escolha a ser feita depois de 1976, teve Los Angeles como candidata única. E foi justamente essa edição, na cidade que perdera 1980 para Moscou em um embate da Guerra Fria, que a Olimpíada gerou lucros recordes para seus promotores. Sobre os Jogos de Verão de 1988, com pleito anterior a 1984 – em 1981 – apenas Seul e Nagoia se dispuseram a recebê-lo

E foi num ambiente como esse, de falta de interesse de outras nações, que as candidaturas de Paris e Los Angeles foram para Lima, em 2017, disputar os Jogos de 2024. Porém, um acordo foi

feito entre as campanhas e o COI, que apenas distribuiu cada cidade para uma das edições ainda a serem escolhidas: 2024 e 2028. Los Angeles, a segunda maior cidade dos EUA, mais uma vez era beneficiada por um cenário de aparente pouco interesse em sediar megaeventos. Curiosamente, em três anos a cidade vai sediar dois deles, sem falar que Pasadena – cidade do Condado de Los Angeles – irá sediar o Mundial de Clubes de Futebol de 2025. A brecha histórica fez os EUA dominarem a recepção de eventos esportivos. Brecha circunstancial? Por tudo que vimos até aqui, não nos parece.

Aliás, um dos argumentos utilizados pela imprensa ocidental para criticar a recepção de megaeventos esportivos na década de 2010 era, como já observamos, altos gastos e grandes transformações nas cidades-sede. É curioso que os chamados “países desenvolvidos” veem com maus olhos quando países do Sul Global gastam muito em obras de infraestrutura, e isso acaba influenciando também, estranhamente, a opinião pública dos chamados “países em desenvolvimento”. Para enfrentar a forma de se preparar para os megaeventos praticada pelos países BRICS, Londres se propôs a fazer os Jogos de 2012 com muitas instalações temporárias e pouco impacto urbanístico. Um exemplo sintomático do contraste entre essa abordagem e a dos países-sede BRICS está na fala do alemão Gunter Gebauer, novamente na matéria de Herbert Shalling (2017): “As futuras sedes devem ter a coragem de realizar Jogos Olímpicos mais modestos. Ser um bom anfitrião é envolver o público mais estreitamente e não realizar os Jogos como símbolo de prestígio, sem respeitar a população. Pequim 2008 foi um mau exemplo”.

Esses movimentos de maior flexão ou inflexão no interesse em sediar os megaeventos são mais nítidos nos Jogos Olímpicos do que na Copa do Mundo. Candidatas olímpicas únicas, como Los Angeles-1984 ou Brisbane-2032, ou mesmo enfrentamentos de duas adversárias, como para 1988 e 2024/28, são mais incomuns do que nas disputas pela Copa do Mundo de Futebol Masculino que, aliás, não vivenciou embate para as edições de 2030 e 2034. Também é interessante considerar que dos três megaeventos em questão neste trabalho, são os Jogos Olímpicos de Inverno os que vêm registrando o maior número de candidatas inscritas para as edições mais recentes.

Os últimos anos têm sido marcados pela ascensão da extrema-direita mundo afora e por maior tensão bélica entre estados-nações, diante de uma quase falência das soluções multilaterais para os conflitos. Neste contexto, a disputa pelo “poder brando” através do esporte e seus grandes eventos é um índice para buscar compreender o que está por trás das relações geopolíticas mais evidentes. Se no pós-Guerra Fria o mundo unipolar gerou o domínio dos EUA e seus aliados sobre os megaeventos esportivos, o crescimento dos cinco países geradores do acrônimo BRICS, liderados pela China, os possibilitou também receber as principais competições do planeta. Claro, associado às crises vivenciadas pela potência norte-americana. Com o passar do tempo, é evidente

que a política estratégica dos Estados Unidos da América reparou que era necessário reverter esse processo, retomando os grandes eventos e se aproximando dos contextos passados. Tal movimento, fez com que paulatinamente as, outrora poderosas, nações ocidentais europeias seguissem o caminho indicado pelo parceiro do outro lado do Atlântico. Onda que atingiu também a extensa antiga colônia britânica da Oceania, a Austrália.

Portanto, pudemos observar o cenário geopolítico que nos trouxe até aqui através dos megaeventos esportivos. A retomada da predominância dos membros da OTAN como cenários das principais disputas esportivas é um movimento natural, ainda mais diante da perda de capital geopolítico por parte de alguns deles. O acordo de 2022 entre China e Rússia, assim como o crescimento dos BRICS e do seu Banco, sediado em Xangai (China) e presidido por Dilma Rousseff, são indicadores de que o mundo está num caminho mais próximo da multipolaridade. Mesmo assim, a OTAN segue tendo enorme poder e contribui para a geração de tensões e dificuldade na mediação dos conflitos contemporâneos. Para um mundo, de fato, mais multipolar é fundamental que o Conselho de Segurança da ONU tenha seu número de membros permanentes ampliado – são hoje apenas cinco países: EUA, China, Rússia, Reino Unido e França – e que nenhum tenha poder de veto. Enquanto nos indignamos com os horrores perpetrados diante do silêncio dos países mais ricos, esperamos a chegada de 2026 com mais dois megaeventos esportivos a serem realizados: Jogos de Inverno Cortina/Milão e Copa do Mundo EUA/México/Canadá. Quais bandeiras poderão ser representadas? Quem será o presidente do COI? Quais conflitos bélicos estarão em curso? Veremos.

REFERÊNCIAS

Referências Bibliográficas

A HISTÓRIA da escolha das sedes para o Mundial de futebol. Universidade do Futebol, 29 de jan. de 2008. Disponível em: <<https://universidadedofutebol.com.br/a-historia-da-escolha-das-sedes-para-o-mundial-de-futebol/>>. Acesso em: 6 de out. de 2020.

BETTINE DE ALMEIDA, M.A. **Soft power: um olhar sobre a utilização estratégica dos BRICS ao sediar a Copa do Mundo de Futebol da FIFA: análise da África do Sul, Brasil e Rússia**. São Paulo: IEA/USP, 2018.

BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Itamaraty, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/mecanismos-inter-regionais/3672-brics>>. Acesso em: 2 de out. de 2020.

CANÔNICO, Leandro. **Fifa acaba com o rodízio de continentes para sede das Copas**. UOL, Zurique, 29 de out. de 2007. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas/2007/10/29/ult59u135111.jhtm>>. Acesso em: 6 de out. de 2020.

CORNELISSEN, S. **The Geopolitics of Global Aspiration: Sport Mega Events and Emerging Powers**. The International Journal of the History of Sport, v. 27, n. 16-18, p. 3008-3025, 2010.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. São Paulo: Periferia, 2003.

DROUSSENT, Claude. **Le Musée Olympique: Visite Au Coeur Des Jeux**. Lausanne: Comité International Olympique (CIO), 2010.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

FERNANDES, Luis. Para além dos jogos: os grandes eventos esportivos e a agenda do desenvolvimento nacional. In: JENNINGS, Andrew. **Brasil em Jogo: o que fica da copa e das olimpíadas?** 1.ed. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2014. p. 70-79.

FIORI, José Luís. **60 lições dos 90: Uma década de neoliberalismo**. 1.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GRIX, J., LEE, D. **Soft Power, Sports Mega-Events and Emerging States: The Lure of the Politics of Attraction**. Global Society, v. 27, n. 4, p. 521-536, 2013.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. **Desafios brasileiros na era dos gigantes**. 1.ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JABBOUR, Elias Marco Khalil. **Projeto nacional, desenvolvimento e socialismo de Mercado na China de hoje**. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2010.

JENNINGS, Andrew. A máfia dos esportes e o capitalismo global. In: JENNINGS, Andrew. **Brasil em Jogo: o que fica da copa e das olimpíadas?** 1.ed. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2014. p. 62-69.

LASSANCE, Antonio. A Copa, a imagem do brasil e a batalha da comunicação. In: JENNINGS, Andrew. **Brasil em Jogo: o que fica da copa e das olimpíadas?** 1.ed. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2014. p. 91-104.

LOBO, Felipe. **Entenda por que os Estados Unidos foram responsáveis pela prisão de dirigentes da Fifa**. Trivela, 27 de maio de 2015. Disponível em: <<https://trivela.com.br/copa-do-mundo/entenda-por-que-os-estados-unidos-foram-responsaveis-pela-prisao-de-dirigentes-da-fifa/>>. Acesso em: 30 de set. de 2022.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

MÜLLER, M. **What makes an event a mega-event? Definitions and sizes**. *Leisure Studies*, v. 34, n. 6, p. 627-642, 2015.

NYE, J. S. **Public Diplomacy and Soft Power**. *Annals AAPSS*, n. 616, p. 94-111, 2008.

PROCESSO que investigava corrupção na escolha da sede da Copa de 2006 é prescrito. *GloboEsporte.com*, 27 de abr. de 2020. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/processo-que-investigava-corrupcao-na-escolha-da-sede-da-copa-de-2006-e-prescrito.ghtml>>. Acesso em: 29 de nov. de 2024.

ROLNIK, Raquel. Megaeventos: direito à moradia em cidades à venda. In: JENNINGS, Andrew. **Brasil em Jogo: o que fica da copa e das olimpíadas?** 1.ed. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2014. p. 81-88.

SHALLING, Herbert. **Olimpíadas, os Jogos que ninguém quer ganhar**. Deutsche Welle, 10 de julho de 2017. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/olimp%C3%AAdadas-os-jogos-que-ningu%C3%A9m-quer-ganhar/a-39630388>>. Acesso em: 30 de set. de 2022.

SOUSA, Wagner. **As raízes históricas do Sul Global**. *Le Monde Diplomatique Brasil*, 24 de set. de 2024. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/as-raizes-historicas-do-sul-global/>>. Acesso em: 29 de nov. de 2024.

STONE, Oliver; KUZNICK, Peter. **A história não contada dos Estados Unidos**. 1.ed. São Paulo: Faro Editorial, 2015.

SUBORNO vira ‘vilão’ do esporte mundial. *Folha de São Paulo*, 16 de jan. de 1999. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk16019923.htm>>. Acesso em: 29 de nov. de 2024.

TOLEDO, R.M.; GRIX, J.; BEGA, M.T.S. **Megaeventos esportivos e seus legados: uma análise dos efeitos institucionais da eleição do Brasil como país-sede**. *Revista de Sociologia e Política*, v.23, n.56, Curitiba, Dezembro de 2015.

WALLECHINSKY, David; LOUCKY, Jaime. **The Complete Book Of The Olympics: 2012 Edition**. London: Aurum, 2012.

Resultados das Escolhas de Sedes dos Megaeventos

<<https://olympics.com/ioc>>

<https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_FIFA_World_Cup_hosts>

Referências Fílmicas

A REVOLUÇÃO NÃO SERÁ TELEVISIONADA. *The Revolution Will Be Not Televised*. Direção: Kim Bartley e Donnacha O'Briain. Produção: David Power. Galway: Power Pictures, Irish Film Board, 2003.

GERALDINOS. Direção: Pedro Asbeg e Renato Martins. Produção: Pedro Asbeg e Renato Martins. Rio de Janeiro: Riofilme, Canal Brasil, Palmares, Jacqueline Filmes, 2015.

Contribuições para as Notas de Rodapé

GUITARRARA, Paloma. **Gentrificação**. *Brasil Escola*. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/geografia/gentrificacao.htm>>. Acesso em: 5 de dezembro de 2024.

SOUSA, Rafaela. **Pré-sal no Brasil**. *Brasil Escola*. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/brasil/presal.htm>>. Acesso em: 5 de dezembro de 2024.

Imagens

Pictogramas e logotipo de Tóquio-1964: <<https://mediamadegreat.com/olympic-pictograms/>>

Logotipos de Cidade do México-1968 e México-1970: <<https://marcianosz.com/mexico-68/>>

Um sorridente presidente da Conmebol, Alejandro Domínguez, ao lado dos também animados presidentes das associações uruguaia e argentina, Ignacio Alonso e Claudio Tapia, respectivamente. Festa por três partidas das 104 de 2030 e vaga garantida para três seleções sul-americanas:

<https://conteudo.imguol.com.br/c/esporte/32/2024/12/11/alejandro-dominguez-presidente-da-conmebol-com-o-quadro-que-celebra-a-escolha-da-america-do-sul-para-receber-jogos-da-copa-2030-1733936091598_v2_1280x1920.jpg>